



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**MARIA EMANUELA DE OLIVEIRA CRUZ**

**TESSITURAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: O  
SABER FAZER DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE – PB  
ABRIL - 2016**

**MARIA EMANUELA DE OLIVEIRA CRUZ**

**TESSITURAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: O  
SABER FAZER DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do grau de mestre.

**CAMPINA GRANDE – PB  
ABRIL – 2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C983t Cruz, Maria Emanuela de Oliveira  
Tessituras da literatura afro-brasileira na sala de aula  
[manuscrito] : o saber fazer das professoras da educação infantil /  
Maria Emanuela de Oliveira Cruz. - 2016.  
112 p. : il. color.

Digitado.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de  
Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de  
Pós-Graduação e Pesquisa, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo,  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa".

1.Formação docente. 2.Educação infantil. 3.Literatura afro-  
brasileira. 4.Diversidade étnico-racial. I. Título.

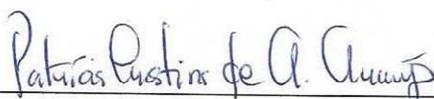
21. ed. CDD 371.12

MARIA EMANUELA DE OLIVEIRA CRUZ

TESSITURAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: O  
SABER FAZER DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de dissertação, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do grau de Mestre.

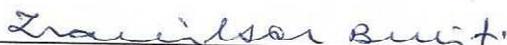
Aprovada em 26 / 04 2016.



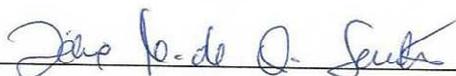
Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (PPGFP/UEPB)  
Orientadora



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (PPGFP/UEPB)  
Examinador



Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (PPGH/UFCG)  
Examinador



Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago (PGECE/UEPB)  
Examinadora/Suplente

*Dedico este trabalho à todas as crianças (brancas, negras, pardas), para que sejam vistas, respeitadas e valorizadas em sua diferença. Crianças, vocês são o presente desta nação!*

## **AGRADECIMENTOS**

“Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei a salva e pensarei: eis o meu porto de chegada” (Clarice Lispector). Não poderia pensar em mim sem lembrar de todas as pessoas que me cercam e daquelas que, de alguma maneira, me ajudaram a chegar até aqui, que ofereceram uma palavra de apoio nos momentos de indecisão e que sorriram comigo, mostrando que tudo ficaria bem. As pessoas que amamos são isso: porto seguro pelos quais sempre desejamos voltar, quando a tristeza e indecisão invade nossa alma e quando a alegria é tão grande que precisa ser dividida com alguém.

Por isso, gostaria de destacar algumas pessoas que tive o prazer de encontrar no caminho e que hoje fazem parte de tudo que sou e do que ainda desejo ser. Agradecer pela presença, pelo apoio, por confiarem e acreditarem em meu potencial, antes mesmo que eu pudesse crer nisso, é pouco, mas ainda assim, insisto em dizer que não seria nada sem cada um que me rodeia, que faz parte da minha vida e compartilha comigo cada momento, de maneira única e significativa.

Agradeço primeiramente a Deus, criador de tudo que nos rodeia, Aquele me permite acordar todos os dias e perceber cada manhã como uma nova chance de viver melhor, de buscar e acreditar mais. A Ele toda honra e glória, pois, cada vitória alcançada e batalha vencida é permitida e mediada por Ele.

A meus pais Gilson e Maria José, que me incentivaram a ir além desde os primeiros anos de minha vida, que acreditaram e acreditam em meu potencial e sempre me motivam a buscar mais, sempre dando um passo de cada vez. A meus irmãos Gledson e Gabriela, pela convivência diária e incentivo em cada pequeno momento.

A Cristiane, professora presente e permanente em minha vida, que tive o prazer de conhecer durante minha graduação e sempre me incentiva a ir além, a buscar fazer a diferença dentro da educação e jamais desistir deste caminho. A você, todo meu carinho, respeito e consideração, um dia, “quando crescer, desejo ser ao menos, parecida com você”.

À professora Patrícia, minha orientadora, que desde o primeiro contato me incentivou e a cada encontro me mostrou que tudo daria certo e que o trabalho iria fazer a diferença na vida das professoras e das crianças. Obrigada pela paciência, pela alegria de sempre e por jamais desistir de acreditar em meu potencial, não importante eu vá, guardarei sempre em meu coração a alegria de ter lhe conhecido e contado com sua contribuição durante o mestrado.

Ao professor Marcelo Medeiros, pelo incentivo durante as aulas do mestrado e a aceitação de participar da banca e contribuir com meu trabalho, suas considerações desde o momento da qualificação foram bastante significativas para o aperfeiçoamento do meu texto.

Ao professor Iranilson Buriti, pela atenção e disposição em ajudar, sempre que solicitei sua contribuição e presença, obrigada por acreditar em meu potencial e dedicar parte do seu tempo para fazer parte de momentos especiais em minha formação, a conclusão do curso de especialização (UFCG) e do mestrado.

A professora Zélia Maria pela disponibilidade e atenção ao receber o convite para participar da banca, é um exemplo de profissional que respeita seus alunos e todos aqueles que com você convivem.

A turma do mestrado 2014.1 que tive o prazer de fazer parte por todos os momentos de construção do conhecimento realizados nestes dois anos. De maneira especial, às amigas que conquistei nesta turma: Juliana Vilar, Aline, Alane, Andeilma, Carol e Lívia, obrigada por cada momento de apoio e descontração, por permanecerem por aqui, apesar de seguirmos caminhos e pesquisas diferentes. Espero poder reencontrá-las em muitos caminhos, nesta vida.

A meu noivo Cássio, por todo apoio, compreensão e colaboração com a realização da minha pesquisa, sua presença foi muito significativa nesta trajetória e a alegria do momento de conclusão também é fruto de sua contribuição.

Aos amigos pessoais: Francielle (por permanecer comigo em todos os momentos, me incentivar, dizer que daria tudo certo, ajudar até na escrita quando tinha dúvidas, sorrir comigo nos momentos de descontração e permanecer ao meu lado em todos os momentos, obrigada!), ao casal amigo Janiel e Monaliza (por sempre perguntar como estava se organizando meu trabalho, contribuir de maneira indireta, me ouvindo sempre que necessário e imprimindo meus

trabalhos quando não conseguia resolver tudo sozinha, obrigada pela atenção e amizade de sempre), a Juliana Guedes, um presente que Deus pôs em minha vida para me incentivar a seguir e focar no que realmente deveria ser feito, investir em meus estudos e jamais deixar de acreditar em minha capacidade, obrigada por permanecer aqui.

À Pávula Maria, ex-orientadora e hoje grande amiga, que acreditou e confiou em minha capacidade desde o primeiro encontro que tivemos e que permanece em minha vida, me ouvindo e apoiando sempre que necessário; a Eloisa Olinto, amiga de todas as horas, por compartilhar muitos momentos significativos em minha vida e sempre torcer por mim e a Camila Matos, pela amizade preservada desde o tempo da graduação, por sonhar comigo e acompanhar a realização de cada sonho, creio que ainda realizaremos muitos, minha amiga!

Às amigas de trabalho e estudo: Danielly, Telma, Maria Rita, Adriana, Meg, Nicielma e Leidiane, pelas diversas vezes que afirmaram que tudo daria certo e que conseguiria concluir no tempo determinado, obrigada pelo apoio meninas e pelos momentos de descontração que me fizeram, por vezes, esquecer da tensão dos momentos finais.

As diretoras e professora dos locais em que trabalhei e trabalho: Másthia e Mariceli (Creche Karine da Silva), Márcia, Daglene e Aldilene (Grupo de mães e pais de autistas – meu trabalho atual) pela compreensão nos momentos que precisei me ausentar do trabalho para assistir as aulas do mestrado ou participar de algum momento referente a ele, obrigada pelo apoio e incentivo.

A Professora Solange Galdino, atual gestora da Creche José Jofilly em que realizei a pesquisa, por me receber de braços abertos e apoiar cada etapa da pesquisa, obrigada pelo carinho, comprometimento e por acreditar em meu trabalho desde o momento em que concluí a graduação e estagiei em sua sala de aula.

A todas as professoras e funcionários desta instituição por apoiarem a causa e realizarem um lindo trabalho, por nunca se oporem a participar da pesquisa e sempre me receber com carinho e alegria. Em especial, agradeço a professora Mônica, minha tia, que colaborou com meu trabalho e é para mim um referencial de profissional. Por fim, agradeço a minhas avós Gladis e Francisca,

por sempre se preocuparem com minha formação e as minhas tias Gleide e Socorropela atenção e incentivo de sempre. A todos que comigo convivem, mesmo que não tenham sido citados aqui, meu carinho e reconhecimento. Obrigada!

*“Quando guri, eu tinha de me calar à mesa: só as pessoas grandes falavam. Agora, depois de adulto, tenho de fi calado para as crianças falarem” (Mário Quintana).*

## RESUMO

A temática étnico-racial tem estado cada vez mais presente em eventos e ações educativas, principalmente, após a institucionalização da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em toda a educação básica. Neste caso há a necessidade de implementá-la efetivamente nas instituições escolares e, mais especificamente, os professores precisam tratar da temática de maneira transversal. Acreditando que uma prática docente que aborde a diversidade étnico-racial é importante desde a educação infantil, este trabalho tem como objetivo discutir do uso da literatura afro-brasileira na educação infantil, promovendo ações que tornem acessíveis para as crianças um conhecimento sobre a história do povo negro, sua participação na formação do povo brasileiro e a importância de respeitar a diversidade étnico-racial. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo com docentes de uma creche municipal localizada na cidade de Campina Grande – PB. Nosso intuito foi observar a prática das professoras em relação à temática étnico-racial e o uso da literatura afro-brasileira em sala de aula. Após estas observações, realizamos momentos de orientações e, posteriormente, produzimos uma cartilha para deixar na instituição como material de apoio para o trabalho docente nesta área. Nosso estudo insere-se no rol das pesquisas qualitativas do tipo pesquisa ação, bibliográfica e documental. Para subsidiar nossa pesquisa, valemo-nos dos estudos desenvolvidos por FREIRE (2009), GOMES (2012), HALL (2006), SEVERINO (2007), SANTOS (2011), ZILBERMAN (2008) entre outros. Finalizamos nosso trabalho, reiterando a importância do uso da literatura afro-brasileira na educação infantil, pois, através dela, o professor pode propiciar aos alunos o acesso ao conhecimento referente à diversidade étnico-racial e, dessa maneira, contribuir com a formação identitária e crítica das crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação Docente. Educação Infantil. Literatura Afro-brasileira. Diversidade étnico-racial.

## ABSTRACT

The ethnic-racial theme has been increasingly present in educational events and actions, especially after the institutionalization of Law 10.639 / 03, which makes compulsory the teaching of African history and culture and african-Brazilian in all basic education. In this case there is the need to effectively implement it in schools and, more specifically, teachers need to deal with the theme in a cross-cutting way. Believing that a teaching practice that addresses racial and ethnic diversity is important from early childhood education, this work aims to discuss the use of african-Brazilian literature in early childhood education, promoting actions that make them accessible to children knowledge about the history of black people, their participation in the formation of the Brazilian people and the importance of respecting the ethnic and racial diversity. Therefore, we conducted a field research with teachers of a municipal day care center in the city of Campina Grande - PB. Our aim was to observe the practice of teachers in relation to ethnic and racial themes and the use of african-Brazilian literature in the classroom. After these observations, we conducted guideline moments and subsequently we produced a primer to leave in the institution as collateral for teaching in this area. Our study is a qualitative research, as it is a field, bibliographic and documental research. To support our research, we make use of studies carried out by FREIRE (2009), Gomes (2012), HALL (2006), SEVERINO (2007), Santos (2011), ZILBERMAN (2008) among others. We finished our work reiterating the importance of the use of african-Brazilian literature in early childhood education because, through it, the teacher can provide students access to knowledge regarding the ethnic and racial diversity and, thus, contribute to identity formation and criticism of children.

**KEYWORDS:** Teacher Training. Child education. Afro-Brazilian literature. ethnic and racial diversity.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Representatividade é essencial! .....	59
<b>Figura 02</b> – Trabalhando com a Dona Aranha .....	80
<b>Figura 03</b> – Exploração das atividades relativas à história.....	81
<b>Figura 04</b> – Exposição das atividades.....	82
<b>Figura 05</b> – Brincadeira de roda com a bonequinha preta.....	83
<b>Figura 06</b> – Interagindo com a bonequinha preta.....	84
<b>Figura 07</b> – Construindo uma joaninha diferente.....	85
<b>Figura 08</b> – Turma do Maternal II: Apresentação do poema.....	87
<b>Figura 09</b> – Turma do Berçário I: Representando os indiozinhos.....	87
<b>Figura 10</b> –Turma do Berçário II: Olodum.....	88
<b>Figura 11</b> – Turma do Maternal I: Representando a Capoeira.....	89

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1. “ESPELHO, ESPELHO MEU, QUE TAMANHO TENHO EU?” REFLEXÃO SOBRE INFÂNCIA E O LUGAR DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLARIZADO.....	24
1.1 Concepções de infância: das artes de viver às formas de falar o ser criança.....	24
1.2 A Construção da identidade da criança na educação infantil e o papel do educador.....	33
1.3 Trabalhando valores étnicos: A temática afro-brasileira presente no cotidiano escolar da educação infantil .....	38
2. OLHA MÃE, A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA PARECE COMIGO! DISCUTINDO A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	47
2.1 “Era uma vez uma criança que gostava de ler”: refletindo a relação da infância com os livros de literatura infantil.....	48
2.2 “As palavras sempre ficam”: pensando a literatura e as práticas de leitura na educação infantil.....	50
2.3 A literatura infantil com conteúdo afro-brasileiro: trabalhando as relações étnico-raciais no cotidiano escolar.....	58
3. “AO MESTRE COM CARINHO”: PARA QUE SUAS PALAVRAS SEJAM OUVIDAS E SUAS AÇÕES PRATICADAS.....	66
3.1 A literatura afro-brasileira e a educação infantil: refletindo a ação educativa através das vozes das professoras.....	70
3.2 As diferentes cores de arco-íris são o que o tornam mais belo: trabalhando a diversidade étnico-racial na educação infantil .....	77
3.3 Proposta de material didático pedagógico com o uso da literatura afro-brasileira em sala de aula: a cartilha pedagógica como produto .....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	92

## INTRODUÇÃO

Em cada coisa que lemos, percebemos a presença do pensamento e parte da personalidade de cada pessoa que escreve, de cada autor. Considerando isso, esses escritos não poderiam ser diferentes. Tudo o que escrevo e sou é fruto de uma história vivida e de um caminho percorrido até aqui, é sobre este caminho e as situações vividas que falarei um pouco nas linhas a seguir.

Recordo-me com carinho de minha época de infância em que, nos momentos de lazer, pegava um livro, gibi e histórias infantis para ler e meus diários para escrever. Os momentos de leitura eram, para mim, oportunidades de viajar no tempo, ir para lugares nunca imaginados e conhecer realidades diferentes das quais vivia. Mesmo sabendo que nem sempre essas histórias eram reais, gostava de conhecê-las, de imaginar como aconteceram e como continuariam.

Por ser uma criança tímida, muitas vezes preferia me concentrar nos estudos e ler nos momentos de folga. Meu quarto e um livro foram durante um bom tempo as melhores companhias que podia ter. E ainda são. Apesar de a fase adulta ter me proporcionado muito crescimento e diminuição da timidez, apesar de hoje contar com boas e grandes amigas, o livro ainda é um dos meus melhores amigos. Com ele eu me entendo melhor do que qualquer outra pessoa. Mergulho em sua história e dedico-me a seu desenvolvimento, por vezes me envolvo tanto que é como se sentisse o mesmo que o personagem principal sente, passa, sofre, espera, anseia.

E como quase toda criança que lê gosta de escrever (ou ao menos se imagina escrevendo sua história), fui uma destas. Tinha meus diários onde escrevia o que ocorria durante meu dia, relatava os sentimentos bons e ruins e chegava a pensar se, um dia, poderia escrever minha própria história. Também gosto – e ainda preservo o hábito – de escrever cartas, por considerar a escrita algo importante e uma forma de deixar nossos sentimentos documentados (torná-los quase eternos). Pensava ser importante dizer para as pessoas o que sentimos e via na escrita essa possibilidade.

Hoje, a fase de maturidade me permitiu guardar alguns sentimentos de infância apenas no coração, mas ainda preservo esses velhos hábitos. A leitura

me acalma, me ajuda a descobrir mais sobre mim mesma, me ensina sobre os outros e me permite conhecer muito do que eu muitas vezes nem imaginava existir. A escrita, essa me caracteriza, todas as pessoas que passaram pela minha vida e foram significativas de algum modo, tem algo por mim escrito, documentado, registrado.

Penso que a escrita sirva para isso, para expressar o que sentimos e pensamos de uma maneira que, por vezes, não conseguimos traduzir oralmente. A timidez pode não ser “tão íntima” da minha pessoa como antes, posso ter aprendido a me expressar de outras formas, a agir diante da vida, mas a experiência da leitura e da escrita serão minhas companheiras até o fim.

Através das palavras escritas, posso dizer quem sou e o que vim fazer neste mundo e é através delas que deixo registrado, para quem desejar saber, o quão importante é ter a consciência que podemos fazer a diferença, por meio de simples palavras e ações.

Talvez não chegue um dia a ser uma “escritora famosa” como muitos que leio e admiro, mas sei que o que eu escrevo servirá de respaldo para alguém, como uma maneira de demonstrar que tudo que falamos faz parte de uma experiência vivida e não de uma simples utopia. Se hoje acredito que nossas atitudes fazem a diferença, é porque um dia a atitude de alguém mudou minha vida e esse alguém não poderia ser nada mais, nada menos do que uma professora.

Lembro-me com carinho das diversas vezes que pensei em desistir e uma simples frase, como “Emanuela, as pessoas só atiram pedras em árvores que dão fruto” me fez perceber o quanto estava sendo egoísta em desejar parar ali, esquecendo que muitos ainda precisariam de mim e que minha formação não serviria apenas para meu crescimento profissional, mas para a mudança – ainda que pequena – da realidade de muitos alunos. Pelo simples fato de acreditar neles como um dia alguém acreditou em mim.

Através da forte influência dessa professora que tive em minha época de graduação, através da ajuda e incentivo de Cristiane Nepomuceno – hoje uma mãe, além de grande e eterna professora – tive a oportunidade de conhecer o que ainda não imaginava existir. Foi como as histórias que lia quando pequena; nunca imaginaria o quão significativo seria. Tive acesso à história da África, do povo africano e suas influências em nossa formação e, por meio desse

conhecimento, percebi que havia muita coisa em comum, do que eu sentia, pensava, agia, do que hoje sou.

Todo esse conhecimento e proximidade com a cultura africana aconteceu em minha época de graduação quando fui convidada por Cristiane – a professora citada no parágrafo anterior – para fazer parte de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) e de um Programa de Incentivo à Pós-Graduação e Pesquisa (PROPESQ). Durante a participação nessas pesquisas, tive a oportunidade de participar de diversos eventos, visitar parte das escolas públicas de Campina Grande – PB para verificar o conhecimento e aplicação da Lei 10.639/03 na educação básica e publicar artigos resultantes dessas visitas.

Além da publicação dos artigos, optei por escrever meu trabalho de conclusão de curso – TCC, dentro da temática. Além de relatar toda a experiência que adquiri referente à história e cultura africana e afro-brasileira, realizamos um projeto em uma das escolas municipais pesquisadas. Fui para sala de aula dar aula sobre “africanidades”. Reunimos alunos de duas turmas do 5º ano de Ensino Fundamental e trabalhamos aspectos referentes à história, música, literatura e arte de influência africana presentes em nossa cultura.

Toda essa vivência contribuiu significativamente com minha formação profissional. A partir do momento que me reconheci como negra por influência de uma professora, desejei fazer o mesmo e proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer a cultura africana e afro-brasileira e perceberem que somos parte dessa cultura.

Assim como foi feito comigo, não desejei impor ao aluno que gostasse da área ou até mesmo que se reconhecesse como negro. Apenas ofereci a eles o acesso a diversas informações que antes não tinham. Ao concluir meu projeto, todos os alunos da turma se afirmaram como sendo também negros, até aqueles que aparentemente são brancos, ruivos, de olhos claros. Porque todos eles entenderam que fazemos parte de uma mistura de povos e que não temos uma única raça.

Percebi nitidamente o quanto foi importante a realização daquele projeto para os alunos e passei a me questionar: por que não realizar um trabalho como esse na educação infantil? Em todos os eventos que participei e ainda participo, percebi que o foco estava apenas no ensino fundamental e médio e

que não havia muitas práticas dessa temática dentro da educação infantil. Por isso desejei fazer a diferença e ingressar nesta área, por acreditar que as crianças também são capazes de aprender, tudo depende da forma que se tem acesso ao conhecimento.

Foi partindo do incentivo de uma professora que acreditou em minha capacidade, da leitura dos diversos textos e livros que me foram oferecidos e da experiência com a pesquisa científica que tive desde os primeiros anos de graduação, que uma aluna “morena, parda ou qualquer outra denominação” tornou-se negra. Não que antes eu não fosse, mas nunca havia me imaginado assim, nunca havia desejado ser e hoje sou negra por orgulho e sentimento de pertencimento.

É devido a esta minha experiência que costumo repetir sempre que “uma criança negra não se sentirá negra se não houver uma representação positiva para ela”, pois nenhuma pessoa deseja ser algo ruim, algo que a sociedade discrimina e, porque não dizer, segrega ainda hoje. Só sentimos orgulho do que conhecemos, de algo que percebemos como bom, como sinônimo de luta e valentia e esse orgulho só acontecerá através do conhecimento, que, por sua vez, só virá com o incentivo da escola e do professor.

É nesse sentido que acredito no poder de transformação pela literatura, na capacidade que ela tem que invadir nossa vida sem incomodar, de ocupar nossos pensamentos do dia a dia até descobrirmos o sentido da história. E, muitas vezes, ela pode ser para nós objeto de inspiração para agir melhor diante de nossa realidade. Acredito porque vivi, vivo e sei que tudo seria diferente se minha história não fosse assim.

Se a literatura tem a capacidade de fazer a diferença na vida dos adultos, imaginem na das crianças que vivem, sentem e imaginam bem mais que nós; que se entregam totalmente a essa experiência de desligamento de onde estamos para onde a história nos reporta.

Este trabalho buscou responder a seguinte problemática: como as professoras da educação infantil desenvolvem em sua prática docente o uso da literatura infantil afro-brasileira na formação identitária das crianças? Acreditando que o uso da literatura em muito contribuiu com a realização de um trabalho significativo nesta temática e possibilitará um fazer educativo

inclusivo da história e cultura do povo negro. Foi pensada a formação e a prática articulada ao campo da literatura com crianças da Creche Municipal José Joffily – CAIC. Campina Grande – PB, possibilitando pôr em prática as ações políticas e metodológicas inerentes a Lei 10.639/2003.

Por esse motivo, em especial, que acredito na importância do uso da literatura na infância de maneira lúdica e consciente, e do quanto isso poderá contribuir no trabalho com as relações étnico-raciais. A literatura afro-brasileira traz uma imensidão de histórias infantis que trabalham a temática racial de uma maneira divertida e importante para a formação das crianças. Sendo o principal objetivo deste trabalho, contribuir, através do uso da literatura, com a formação crítica e consciente desses pequenos.

Considerando que a temática étnico-racial tem sido cada vez mais presente em eventos e ações educativas – principalmente após a institucionalização da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em toda a educação básica –, é notável que a legislação atribua a responsabilidade de sua efetivação nas instituições escolares cabendo aos professores o trato desta temática na sala de aula, de maneira transversal.

Acredito que uma prática docente que aborde a diversidade étnico-racial é importante desde a educação infantil, por esta ser base do processo educacional, no qual as crianças vivenciam o primeiro contato com a instituição escolar e todas as maneiras de ensinar e aprender. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo discutir do uso da literatura afro-brasileira na educação infantil, promovendo ações que tornem acessível para as crianças um conhecimento sobre a história do povo negro, sua participação na formação do povo brasileiro e a importância de respeitar a diversidade étnico-racial.

Pretendi também, compreender como no exercício pedagógico de professoras da educação infantil são desenvolvidas práticas de leitura com o uso da literatura afro-brasileira de modo a contribuir com a formação identitária da criança. Refletir sobre a formação docente e a prática pedagógica das professoras da educação infantil à luz das políticas educacionais que abordam a temática afro-brasileira. Identificar como professoras da educação infantil de uma creche municipal de Campina Grande trabalham a temática afro-brasileira no cotidiano de sala de aula. E, por fim, propor como material didático

pedagógico uma cartilha educativa que discuta aspectos teóricos, legais e metodológicos da temática afro-brasileira na escola a partir do uso da literatura, trazendo a importância da temática para a orientação de professoras da educação infantil.

A pesquisa tem como sujeitos professoras da modalidade de Educação infantil que atuam na Creche José Joffily, localizada no bairro das Malvinas, da cidade de Campina Grande – PB. O intuito foi observar a prática das docentes com relação à temática étnico-racial e o trabalho com a literatura afro-brasileira em sala de aula e, após estas observações e entrevistas com as docentes, produzir a cartilha com base nestas informações, para deixar na instituição como material de apoio para o trabalho em sala de aula.

Além da pesquisa de campo, realizei uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, e, articulada a esta, fiz uso da pesquisa bibliográfica e documental. Para isso, utilizei os estudos desenvolvidos por FREIRE (2009) referente à prática docente e a importância da figura do professor na formação das crianças; HALL (2006) que trabalha a perspectiva da identidade; GOMES (2012) que discute a temática étnico-racial e a implantação da Lei 10.639/03 no ambiente escolar; SEVERINO (2007) que oferece a caracterização e exemplificação dos tipos de pesquisa e sua importância; SANTOS (2011) que trata da literatura infantil e sua história de implementação na área de educação; ZILBERMAN (2008) que discute a importância do uso da literatura na sala de aula, entre outros.

A realização da pesquisa na área da educação é importante porque, através dela, os professores podem perceber características de suas práticas que, em algumas circunstâncias, passam despercebidas aos seus olhos e podem ser vistas pelo pesquisador ao avaliar se os métodos utilizados pelo docente estão contribuindo com a construção do conhecimento dos alunos e com o crescimento do docente. Dentro do campo da educação, diversos temas podem ser pesquisados, é uma área vasta de conhecimento e informação, entre eles destacamos aqueles relacionados a questão étnico-racial.

Diante disso, proponho um trabalho com a temática étnico-racial na educação infantil e destaco a importância da literatura afro-brasileira na realização deste trabalho, considerando a necessidade de implementação da Lei 10.639/03 nas instituições da rede pública de Campina Grande.

Acreditando que tal inserção pode acontecer desde os primeiros anos escolares, trabalhando de maneira lúdica e adaptada à faixa etária da criança.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa por se referir ao campo da educação, do tipo pesquisa-ação, pois este tipo de pesquisa “envolve pessoas e relações, está preocupada com a eficiência das pessoas no trabalho, [...] concentra-se na resolução de problemas e proporciona a oportunidade de desenvolver o conhecimento teórico” (MOREIRA; CALEFFE; 2006, p. 91-92).

Utilizo da pesquisa bibliográfica por ser fundamental para a realização deste conhecimento teórico, pois, por seu intermédio, é possível discutir sobre o tema abordado neste estudo. Os autores contribuem de maneira significativa para a discussão de cada temática abordada neste trabalho.

Com relação às etapas da pesquisa, inicialmente, eu realizei uma pesquisa documental e bibliográfica para a realização das possíveis modificações do projeto de pesquisa e a submissão do mesmo ao Comitê de Ética da Universidade e a Plataforma Brasil. Para a reelaboração do projeto e a realização do trabalho dissertativo, aponto reflexões em torno dos documentos nacionais, estaduais e municipais, bem como textos bibliográficos que regulamentam a proposta de uma educação intercultural.

A leitura dos textos e documentos foi significativa para a segurança teórica durante a realização desta pesquisa, para que pudesse oferecer às professoras ideias de como trabalhar a educação étnico-racial na sala de aula. Para a realização da pesquisa de campo, optei pela Creche Municipal José Jofilly – CAIC, localizada no Bairro das Malvinas. Tal escolha se deu por eu conhecer a atual gestora da escola e saber de sua prática como docente, de seu comprometimento com a educação e a formação das crianças e, também, por conhecer uma das docentes da escola e por desejar contribuir com o trabalho de todos.

Desejei realizar a pesquisa com as docentes porque, em meio a algumas visitas que realizei nas instituições de Campina Grande, observei que a maioria das docentes se queixava por não ter formação na área étnico-racial e não saber como trabalhar a temática na sala de aula.

. Após isso, pretendi, primeiramente, observar a prática das docentes abordando a questão étnico-racial e utilizando a literatura afro-brasileira nas

turmas de educação infantil, para, posteriormente, analisar se ainda possuem dificuldades e de que maneira poderia contribuir com sua realidade e com a efetivação de práticas relevantes nesta área.

Sabendo que o trabalho que aborda as relações étnico-raciais é possível de ser realizado na educação infantil, mas necessita de um comprometimento do professor, para que todo o planejamento esteja voltado para a realidade e faixa etária das crianças, facilitando assim sua compreensão do conteúdo trabalho.

Nesse sentido, inicialmente, mantive contato com a gestora, expliquei o tema da pesquisa e como ela se realizaria. Depois dessa conversa e a aceitação da realização da pesquisa neste ambiente escolar, reafirmei o compromisso com a ética e destaquei o desejo de contribuir com a melhoria da realidade escolar. Confirmei presença na creche no período da manhã duas vezes por semana, para a realização das observações das aulas das docentes (sem intervenção) e, posteriormente, para a realização das entrevistas e registro das atividades efetivadas.

Os encontros aconteceram durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2015. No fim de novembro foi realizada a apresentação de todas as atividades realizadas durante o projeto e, no início de dezembro, retornei à instituição para conclusão dos dados da pesquisa.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro é intitulado: *“Espelho, espelho meu, que tamanho tenho eu?” Reflexão sobre infância e o lugar da criança no contexto escolarizado*. Nele discuto a visão histórica e social da criança e o lugar dela em nossa sociedade e, posteriormente, no ambiente escolar; o que é infância e qual a definição deste conceito de acordo com cada época histórica, considerando que nem sempre a criança foi vista como um sujeito de direitos como pensamos hoje. Anterior a esta visão, observamos uma criança que não passava de uma miniatura de adulto, ou seja, era considerada uma folha em branco que deveria receber todas as instruções para tornar-se “gente”.

Essa expressão pode parecer um pouco forte, mas é o que sintetiza as discussões, os momentos em que a criança não tinha direito de viver sua infância de maneira livre e lúdica. Por fim, discuto o lugar da criança nos dias atuais, as construções realizadas dentro da instituição de ensino, sua

participação ativa no processo educacional, uma vez que este pensamento desconstrói toda a ideia antiga de um ser passivo e sem capacidade.

O papel do educador é importante na construção da identidade da criança também é discutido no primeiro capítulo o quanto a figura do professor é importante nesta construção e como suas ações podem interferir na formação destes sujeitos. Gestos simples do professor podem motivar uma criança a acreditar em sua capacidade ou podem entristecê-la e fazer com que acredite que não pode e não conseguirá o que deseja.

Concluindo o capítulo, abordo a questão étnica na educação infantil. Trabalhar valores, o respeito ao outro e à diferença é algo essencial em nossa sociedade. Muitas crianças são discriminadas dentro de sua própria casa ou no ambiente onde estudam simplesmente por serem negras. O intuito deste trabalho é justamente possibilitar a desconstrução desses preconceitos e promover situações em que todas as crianças se sintam bem, amadas e importantes em qualquer ambiente, principalmente na escola.

No segundo capítulo, que denomino: *“Olha mãe, a menina bonita do laço de fita parece comigo! Discutindo a literatura afro-brasileira na educação infantil”*, realizo uma discussão referente à literatura infantil e de sua importância no trabalho com as crianças, apontando o quanto o uso da literatura na sala de aula pode contribuir com a melhor compreensão dos alunos referente aos conteúdos trabalhados. Proponho uma reflexão sobre a relação da criança com o livro desde os primeiros anos de vida e destaco que, apesar de ainda não apresentar o domínio do código escrito, a criança aprende a ler e interpretar as imagens dos livros e recontar as histórias que a princípio, já ouviu da professora.

Além desta reflexão, destaco a literatura infantil com conteúdo afro-brasileiro e sua contribuição para o trabalho com a diversidade étnico-racial, exemplificando que, ao ouvir a história da *“Menina bonita do laço de fita”* (Ana Maria Machado), a criança compreenderá que a menina era pretinha e o coelho branquinho; que o coelho adorava a cor da menina e desejava ser como ela, mas não conseguiu. No decorrer da história, esse coelho passa a se perceber como branco e percebe que sua cor também é bonita e que se ele casar com uma coelhinha pretinha, como a menina, poderá ter muitos filhinhos da mesma cor e é o que acontece. Ao ler esta história, a professora trabalha com as

crianças o reconhecimento étnico e a importância de respeitar o outro em sua diferença e, ao imaginar e vivenciar isto, ela aprende muito mais do que se estivesse apenas ouvindo a professora falar que precisar amar e respeitar seu colega.

Por fim, no terceiro capítulo: *“Ao mestre com carinho: para que suas palavras sejam ouvidas e suas ações praticadas”*, discuto o resultado das entrevistas realizadas com as docentes, suas falas e concepções referentes à temática afro-brasileira. Relato as observações das aulas de todas as turmas e as apresentações do material produzido durante o projeto realizado pelas docentes.

A pretensão deste último capítulo é dar ênfase nas práticas docentes e o quanto suas práticas foram significativas na formação das crianças e no trabalho educacional da instituição. O comprometimento de toda a equipe de trabalho fez a diferença e permitiu que todo o trabalho tivesse êxito e que as crianças se alegrassem em fazer parte de tudo isso.

Pude perceber no olhar de cada criança a alegria de estar ali, de fazer parte daquela instituição, de estudar com aquelas professoras e isso, para mim, foi o mais significativo. Ver as crianças se sentindo importantes, observar o valor de cada uma delas sendo posto em prática e presenciar o depoimento de um pai, que afirmou ser a primeira vez que o filho dele participava de um momento tão bonito quanto aquele.

# **1 “ESPELHO, ESPELHO MEU, QUE TAMANHO TENHO EU?” REFLEXÃO SOBRE INFÂNCIA E O LUGAR DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLARIZADO**

Quando guri, eu tinha de me calar à mesa: só as pessoas grandes falavam. Agora, depois de adulto, tenho de ficar calado para as crianças falarem (Mário Quintana).<sup>1</sup>

Gostaria de iniciar este capítulo com um breve relato do que será discutido aqui e, para isso, não podia deixar de citar Mário Quintana e sua referência ao tempo de infância, quando devia se calar para que só os adultos falassem e, agora, depois de adulto, continua em silêncio para ouvir as vozes das crianças.

A afirmação deste autor nos leva a refletir sobre as duas fases do lugar da criança em nossa sociedade: o momento que, enquanto criança, ele deveria calar-se para que somente os adultos falem e, atualmente, como adulto, quando decide permitir que as crianças falem.

É sobre esse direito e o lugar da criança em nossa sociedade e no ambiente escolar que iremos refletir neste capítulo. Quem era, quem é esta criança e como é pensada nos dias atuais, quais são as práticas que contribuem para a formação de sua identidade. Por fim, onde está a criança negra nessas discussões, como ela é representada e qual a importância de que seja vista e pensada em sua real singularidade.

## **1.1 Concepções de infância: das artes de viver às formas de falar sobre o ser criança**

A escrita de um texto é eivada de sentidos, significados, pois carrega em si múltiplas histórias de quem o escreveu e das percepções que elaborou em relação as suas vivências. Início minhas reflexões com um texto de Ana Maria Machado. Penso que ele terá sentido se for lido e apreciado do seu jeito, de uma forma bem simples, assim como foi escrito. O desejo de citá-lo é para

---

<sup>1</sup> Disponível em: [www.pensador.uol.com.br](http://www.pensador.uol.com.br). Acesso: em março de 2016.

dar cor, significado e leveza em tudo que aqui será refletido e destacado no percurso das reflexões que vou elaborar.

Começo com a história de uma criança chamada Helena que não sabia o seu real tamanho, ora era grande ora pequena. Grande para o trabalho, pequena para escutar a conversa dos adultos; grande para chorar e desejar carinho, mas muito pequena para nadar no rio e andar sozinha pelo caminho.

Era uma vez uma menina. Não era uma menina deste tamanho. Mas também não era uma menina deste tamanho. Era uma menina assim mais ou menos do seu tamanho. E muitas vezes ela tinha vontade de saber que tamanho era esse, afinal de contas. Porque tinha dias que a mãe dela dizia assim:

— Helena, você já está muito grande para fazer uma coisa dessas. Onde já se viu uma menina do seu tamanho chegar em casa assim tão suja de ficar brincando na lama? Venha logo se lavar.

Então, ela achava que já era bem grande. Mas, às vezes, também, o pai dela dizia assim:

— Helena, você ainda é muito pequenininha para fazer uma coisa dessas. Onde já se viu uma menina do seu tamanho ficar brincando num galho de árvore tão alto assim? Desça já daí. Senão, você pode cair.

Aí Helena achava que ela era mesmo uma bebezinha que não podia fazer nada sozinha.

E era sempre assim. Na hora de ir ajudar no trabalho da roça, ela já era bem grande. Na hora de ir tomar banho no rio e nadar no lugar mais fundo, ela ainda era muito pequena. Na hora em que os grandes ficavam de noite conversando no terreiro até tarde, ela era pequena e tinha que ir dormir. Na hora em que espetava o pé com um espinho e queria ficar chorando no colo de alguém, só com dengo e carinho, sempre diziam que ela já estava muito grande para ficar fazendo manha. Se ela tivesse um espelho mágico, que nem a rainha madrasta da Branca de Neve, bem que podia perguntar:

— Espelho meu, espelho meu, que tamanho tenho eu?

Mas ela não tinha espelho mágico nenhum. Até mesmo espelho sem ser mágico, não era fácil. Na casa dela só tinha um, pequeno e muito no alto, em cima da pia. Só dava para se ver um pouquinho de cada vez. E, mesmo assim, só quando alguém a punha no colo. Via o rosto, o pescoço, as mãos. Mas joelho, pé, canela, isso ela só via mesmo olhando para baixo, fora do espelho. E as costas, não via nunca. Às vezes, ela até achava que talvez fosse isso. Vai ver, era assim: ela era pequena na frente e grande atrás. Ou grande na frente e pequena atrás. Ou de cada lado de um tamanho: por isso cada um via de um jeito, depende do pedaço dela que estivesse olhando. Mas ela se apalpava, se pegava, se olhava como podia e achava que não era nada disso. Grande ou pequena, era de um tamanho só (MACHADO, 1982).

“Que tamanho tenho eu?” Sou do tamanho dos meus sonhos ou minha altura é medida da ponta dos meus pés até meu último fio de cabelo? O recorte de uma das histórias de Ana Maria Machado – autora brasileira bastante conhecida no campo da educação infantil – nos faz refletir sobre o lugar ocupado pela criança em cada situação vivida e em cada espaço físico onde ela se encontra. Criança que precisa ser forte para ajudar no trabalho pesado, mas ainda é muito pequena para ouvir a conversa dos adultos, que não pode chorar e querer um pouco de “mimo” e ainda não pode ir muito fundo no rio, para não se afogar.

Precisa ser grande para trabalhar, para respirar e não chorar, mas ainda é pequena demais para isso. A história nos conduz a situações em que as crianças se encontram. Momentos nos quais as concepções de infância se tornam contraditórias sendo reformuladas de acordo com o período histórico e social vivido.

Compreendo que essa criança gostaria de ter um “espelho mágico” somente para saber qual o seu real tamanho (e esse tamanho não é medido apenas fisicamente) e onde é seu lugar. Com base nessas reflexões, inicio a discussão deste capítulo com o intuito de refletir sobre o conceito de infância e o lugar da criança em nossa sociedade para, a partir destas reflexões, discutir sobre o lugar da criança negra. Considerando que o pensamento que hoje temos referente à infância foi se diferenciando em cada temporalidade histórica e no decorrer da história em cada sociedade, logo há uma diferenciação na utilização destes dois termos em tempo e espaços. Podemos afirmar a partir de Trevisan (2007) que:

O percurso histórico da infância não é uniforme e nem sempre produziu concepções regulares e estáveis acerca da infância e das crianças. O lugar que a criança ocupa, hoje, na história e nos quotidianos não é o mesmo nem o é, seguramente, ainda, em todos os sítios e num mesmo tempo (TREVISAN, 2007, p. 02).

Durante muito tempo no contexto da sociedade brasileira, não se discutia sobre a infância e a importância desta nas experiências da criança. Em nossa sociedade, o pensamento que persistia era que criança era destituída de voz “não possuía voz” não podia falar sobre si mesma e, por isso, sua história foi escrita por adultos, através de olhares e concepções do “mundo adulto”.

Assim, tornou-se difícil encontrar a presença de fato das crianças em documentos históricos.

A partir do século XIX, algumas das discussões realizadas neste período foram consideradas a base para um pensamento diferenciado sobre as crianças e a infância, Rousseau, considerado um dos primeiros pedagogos da história, marcou este momento propondo:

[...] uma educação infantil sem juízes, sem prisões e sem exércitos. A partir da Revolução Francesa, em 1789, modificou-se a função do Estado e, com isso, a responsabilidade para com a criança e o interesse por ela” (NASCIMENTO, et al, 2008, p. 06).

Conforme Nascimento (2008), Rousseau defendeu a ideia de que o ser humano é bom por natureza e que a criança precisa de mais liberdade no processo de aprendizagem, pois poderia aprender em casa, no seio familiar e em contato com o meio ambiente. Outro estudioso que abordou sobre a criança e infância foi o sociólogo Émile Durkheim, este foi considerado o primeiro a buscar a interligação entre a escola e a infância, objetivando “moralizar, disciplinar” e

[...] controlar "os humores endoidecidos" das crianças, Durkheim (1978) propôs três elementos fundamentais para desenvolver a educação moral das novas gerações, que deverão ser capazes de adequar-se às regras do jogo social, político e econômico. Portanto, educar a criança passa a significar moralizá-la no sentido de inscrever na subjetividade desta os três elementos da moralidade. Explica o referido autor que educar é inscrever na subjetividade da criança os três elementos da moralidade: o espírito de disciplina (graças ao qual a criança adquire o gosto da vida regular, repetitiva, e o gosto da obediência à autoridade); o espírito de abnegação (adquirindo o gosto de sacrificar-se aos ideais coletivo) e autonomia da vontade (sinônimo de submissão esclarecida) (NASCIMENTO, et al, 2011, p. 06 – 07).

Percebe-se então que a ideia de educação das crianças se pautava, a princípio, no ensino da ética e da moral. O professor recebia a missão de “domesticá-las” para que se tornassem exemplos de cidadãos que cumprem as regras e amam sua pátria. Posso então, considerar que nesta época a infância era vista como

[...] um conceito cultural tanto quanto biológico. Em seu livro, Ariès (1978) mostra que a arte medieval, até o século XII, não usou crianças como modelo. Na maior parte da história, crianças com mais de sete anos foram tratadas como pequenos adultos. Vestiam-se como eles, faziam os mesmos trabalhos e ingressavam na comunidade sexual dos adultos quando tinham idade inferior à dos garotos e garotas de hoje (NASCIMENTO, et al, 2011, p. 09).

Ao analisar as representações da infância em sua época, Ariès (1978) afirmou com fatos que a infância não era pensada como uma fase da vida que deveria ser respeitada e vivenciada da sua maneira (pensamento que defendemos hoje), mas a criança era preparada para o mundo dos adultos. Era considerada, então, como um adulto em miniatura. Santos (2014), ao analisar tais aspectos com base nas proposições formuladas por Ariès, enfatiza que

Embora exista uma preocupação no campo das ciências sociais em se considerar a infância como construto social desde o trabalho de Ariès (1981) – que analisa o surgimento do sentimento de infância na transição da Idade Média para a Modernidade, é a partir da década de 1990, na visão de Sarmiento (2005, p. 362), que se discutem a criança e a infância na sociologia europeia: A constituição e legitimação do campo científico da sociologia da infância está em curso em todo o mundo, desde há pouco mais de uma década. [...] A constituição do campo concretiza-se na definição de um conjunto de objectos sociológicos específicos (no caso vertente, a infância e a criança como actor social pleno), um conjunto de constructos teóricos de referência e um conjunto de investigadores implicados no desenvolvimento empírico e teórico do conhecimento (SANTOS, 2014, p. 121).

Seguindo esta linha de pensamento, os estudos sociológicos da infância pretendem observar a criança e considerá-la como sujeito social, pleno de direitos e que pode agir diante de sua realidade, não apenas como mera receptora de conceitos prontos e normas que deverão ser cumpridas. Trata-se de uma tentativa de acabar com o processo de invisibilidade tão presente na história social da infância. Para isso, discutirei esta sociologia da infância utilizando como base os estudos de William Arnold Corsaro<sup>2</sup>, sociólogo cujas teorias estão voltadas à criança como sujeito social e às múltiplas dimensionalidades de infância, Corsaro defende a ideia que

---

<sup>2</sup> Professor titular da Faculdade de Sociologia, Universidade de Indiana, Bloomington, nos Estados Unidos. Possui bacharelado em sociologia pela Universidade de Indiana, título conquistado em 1970, e doutorado pela Universidade da Carolina do Norte, obtido em 1974.

[...] a sociologia da infância, as culturas de pares, as relações entre adultos e crianças e entre crianças, os métodos etnográficos e o processo de socialização”. Em uma trajetória de mais de 30 anos, o autor vem realizando seus estudos focalizando as culturas de pares e a educação inicial das crianças com atenção especial à educação infantil na Itália e nos Estados Unidos (SANTOS, 2014, p. 123).

Corsaro apud Santos (2014) concebe a ação social das crianças como atitudes de interação e não de mera reprodução do que é visto ou ensinado. Assim, o autor denomina este conceito de reprodução interpretativa.

Nas palavras do autor “o termo interpretativa captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. O termo reprodução significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança social”. Nessa perspectiva, as crianças são consideradas seres sociais imersos, desde cedo, em uma rede social já estabelecida e, por meio do desenvolvimento da comunicação e da linguagem – o que possibilita uma maior interação com os outros – constroem seus mundos sociais. Associando isto ao alargamento de seu contexto de interações sociais, ampliam suas possibilidades (SANTOS, 2014. p. 124).

Pensando dessa maneira, percebo a desconstrução da ideia de que a criança é apenas um sujeito em formação, que deve receber tudo pronto, determinado e apenas reproduzirá da mesma maneira tudo o que lhe for ensinado. Na perspectiva de Corsaro, o termo “reprodução” não está ligado à realização de uma atividade de maneira mecânica e sem reflexão, mas à ação e contribuição da mudança social, além da internalização de tudo que lhe foi oferecido e aprendido socialmente.

Posso observar a confirmação deste entendimento quando o autor afirma que, durante a interação com o outro, as crianças “constroem seus mundos sociais”, ou seja, agem sobre sua realidade e atuam na construção do que entendem por “seu mundo”. Dessa forma, não existem crianças que não sabem de nada: todas trazem consigo uma história pautada no ambiente e nas experiências em que vivem, e essa história não pode ser desconsiderada.

Continuando nesta concepção, Corsaro também utiliza um conceito referente à cultura de pares. Para ele, a cultura de pares é entendida como “[...] um conjunto de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as

crianças produzem e partilham na interação com os seus pares” (CORSARO, 2009 apud SANTOS, 2014, p. 125).

Por isso, considero importante a presença das crianças na escola, pois, nos primeiros anos de vida, é essencial o processo de socialização entre “seus pares”, como cita o autor. É através desta interação que elas partilham e constroem seus conhecimentos.

Um exemplo disto, bem frequente nas creches e pré-escolas, é a aquisição da fala. Muitas crianças com dois e três anos de idade, que pouco se comunicam verbalmente, desenvolvem-se de uma maneira significativa a partir do momento que começam a frequentar a escola e interagir com seus colegas. O contato com crianças da mesma faixa etária é essencial durante a formação do sujeito.

Uma coisa é um adulto, em casa, nos ensinando e “impondo regras”, outra é dar a cada um a oportunidade de conviver com seus pares e observar que eles fazem o mesmo que ele. A motivação para aprender torna-se maior, porque ambos aprendem por prazer e não por obrigação, devido à exigência de alguém. É nesse sentido que segue meu pensamento neste trabalho, alimentando o intuito de oferecer a cada criança presente na educação infantil oportunidades de crescimento e aprendizagem pelo prazer.

Nesse sentido, enfatizo a contribuição das creches e pré-escolas no desenvolvimento dessas crianças. Quando falo em desenvolvimento, não me refiro somente ao convívio social, mas também à formação da identidade e independência dos alunos:

o atendimento institucional à criança pequena, no Brasil e no mundo, apresenta ao longo de sua história concepções bastante divergentes sobre sua finalidade social. Grande parte dessas instituições nasceram com o objetivo de atender exclusivamente às crianças de baixa renda. O uso de creches e de programas pré-escolares como estratégia para combater a pobreza e resolver problemas ligados à sobrevivência das crianças foi, durante muitos anos, justificativa para a existência de atendimentos de baixo custo, com aplicações orçamentárias insuficientes, escassez de recursos materiais; precariedade de instalações; formação insuficiente de seus profissionais e alta proporção de crianças por adulto.[...] modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas (BRASIL, 1998, p. 17).

Posso afirmar que, assim como a concepção de infância foi modificada com o tempo, a ideia de que a criança vai para a creche somente para brincar e que o professor não passa de um cuidador também vem sendo transformada. A Educação Infantil tornou-se um lugar de aprendizagem e o brincar permanece inserido no currículo como parte deste processo, não somente como a única coisa a ser feita.

As crianças que frequentam as instituições educacionais desde cedo desenvolvem sua autonomia de uma maneira significativa, assim como trabalham os conceitos essenciais desta fase, a exemplo da coordenação motora, noção espacial, oralidade, enfim, todo o seu desenvolvimento psicossocial e afetivo.

Não há como permanecer com a concepção de que as creches e pré-escolas são “depósitos de crianças” devido ao fato de os pais trabalharem ou não terem condições de mantê-las em casa, bem e alimentadas durante o dia. Com base no Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998), ao empreender sua percepção de infância, confirmo a ideia que

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Deste modo, verifico que as crianças não são “folhas em branco” que precisam de algo ou alguém que as preencha, que necessitam apenas ser cuidadas e bem alimentadas. Elas são capazes de agir sobre a realidade em que vivem e construir seu conhecimento. E, nesse processo de construção, é importante que o professor tenha consciência do quanto é relevante sua contribuição e que sua presença é um referencial na vida de seus alunos.

Cada palavra, ação e gesto é bastante significativo na vida dos pequenos que convivem com o docente no cotidiano. A escola torna-se um espaço de múltiplas vivências, de envolvimento, e o professor assume um papel relevante na continuação do processo de aprendizagem. Desse modo,

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação (BRASIL, 1998, p. 23).

É no processo de socialização e convivência com seus pares que as crianças constroem suas identidades, se reconhecem e iniciam o processo de compreensão da cultura em que estão inseridas. Para isso, a ação do professor faz uma grande diferença no trabalho com a cultura, com a diferença étnico-racial. Tudo o que for vivenciado no ambiente escolar contribui significativamente (ou não) para esta formação.

Partindo da concepção de identidade não como algo fixo, mas que se constrói ao longo do tempo e das vivências de cada sujeito, as afirmações de Stuart Hall (2006) corroboram nosso pensamento quando este, ao se posicionar sobre sua compreensão de identidade, mostra que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 03).

É nesse sentido que acredito na ideia de que somos seres em constante transformação e que nenhuma identidade é imutável. É na infância que iniciamos o processo de construção desta identidade em que as características culturais, físicas e étnicas das crianças não podem ser desconsideradas, esquecidas ou silenciadas.

Entre os silenciamentos de algumas infâncias, no que refere à identidade, chamo atenção para as crianças negras presentes nas instituições de educação infantil que, muitas vezes, são esquecidas nos gestos mais

simples, a exemplo dos contos de fadas, desenhos animados e filmes infantis trabalhados em sala de aula, que representam apenas as meninas brancas, de cabelos lisos e traços finos.

É importante que a utilização de materiais didáticos na educação infantil possa contribuir na aceitação e afirmação de uma identidade étnica da criança negra, para que estas se sintam parte de uma sociedade plural e diversa e que no ambiente escolar todos as respeitem da maneira como são.

Não estou aqui enfatizando apenas a infância da criança negra e sua presença no ambiente escolar. O que desejo é mostrar que elas também são parte integrante e fundamental do grupo de que fazem parte e precisam ser consideradas assim como todas as outras crianças. Se houver um trabalho significativo nesta área desde cedo, temos a chance de ver adultos mais críticos, conscientes de seu pertencimento étnico e orgulhosos disso.

Essa representação também pode ser observada nos brinquedos infantis a maioria dos quais é composta por bonecos brancos, de cabelos claros e liso. Quando se encontra algum com características diferentes, as pessoas ficam surpreendidas e as crianças, então, ficam muito felizes. Em toda a vida, principalmente na infância, reconhecer semelhanças em pessoas e personagens é muito importante para a formação da identidade infantil.

Assim como uma criança branca se identifica com as princesas e personagens infantis semelhantes a ela, a criança negra também precisa dessa representação para perceber que existem outras pessoas parecidas com ela, que são bonitas e são felizes sendo negras. Dessa forma, as crianças poderão se afirmar e gostar de ser quem são e como são. A representação nos primeiros anos de vida é bastante relevante no processo de reconhecimento e valorização de si e do outro. Esse processo inicia-se, principalmente, no ambiente escolar, lugar de aprendizagem e relação com os seus pares.

## **1.2 A Construção da identidade da criança na educação infantil e o papel do educador**

Quando se utiliza da compreensão do ser criança e das peculiaridades da infância, quando considera que a experiência e a brincadeira andam juntas, que a linguagem corporal é bastante significativa e que as atividades de vida

prática são essenciais nesta fase, a escola oferece prazer e alegria à alma dos alunos, permite que eles encontrem sentido no ato de estudar.

A instituição escolar não deve ser para eles algo dissociado de sua vida, ou seja, que não servirá para nada. Pelo contrário, é importante que os ensine a observar a realidade social através de uma nova ótica e acreditar que tudo pode ser melhor. Rubem Alves, em seu livro “*Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*” (2008, p. 38-39) afirma que:

[...] A educação é uma arte. O educador é um artista [e nos convida a aprender com as cozinheiras, que na maioria das vezes, pouco sabem sobre a versão científica da digestão, mas sabe que] a comida, para alimentar, tem que dar prazer ao corpo e alegria à alma. Quando o corpo sente prazer e a alma sente alegria, a comida alimenta e o corpo fica forte.

Alves (2008, 38-39), ao refletir sobre este aspecto, mostra que:

O professor é um *chef* que prepara e serve refeições de palavras a seus alunos. Durante anos consecutivos, nossos professores tem aprendido teorias científicas sobre a educação, achando que é assim que se formam professores. Existe, de fato, uma ciência da educação, como também existe uma ciência do piano. Mas a ciência da educação não faz um professor, da mesma forma como o conhecimento da ciência do piano não faz o pianista.

Partindo das proposições de Alves (2008), acredito que é preciso muito mais que o conhecimento científico para ser um professor, claro que não podemos desconsiderar a colaboração de cada teoria para o saber docente e para a melhoria de sua prática.

Mas o professor aprende a associar a teoria que estuda com a sua prática em sala de aula e isso propicia mudanças no ensino e na aprendizagem. Assim também está relacionado o conhecimento étnico-racial, pois a prática deve ir além do conhecimento das legislações. O trabalho deve acontecer com o uso do material didático.

Entretanto, o uso de qualquer aporte teórico por si só não garantirá uma boa atenção do docente se não houver comprometimento deste, sem sua ação diante da realidade que vive e observa, pois ela só irá mudar de fato,

caso haja uma preocupação com as ações pedagógicas desenvolvidas na sala de aula. A mudança da concepção que se tem de superioridade e igualdade é um processo que levará tempo para desconstruir, mas que pode começar a partir da atitude de cada pessoa. Theodoro (2008, p. 172) afirma que:

O combate à problemática racial não será efetivo se não lograr uma mudança de mentalidade ainda largamente implantada em nosso país. Sem a efetiva importância da igualdade como valor, o reconhecimento da diversidade na formação nacional, e a condenação de racismos e preconceitos, nem a legislação em vigor será aplicada em sua plenitude, nem as políticas e ações de promoção da igualdade racial poderão ter o sucesso que delas se espera.

Dessa forma, de nada valerá a existência de uma série de legislações que reconhecem e legitimam a importância do trabalho com as relações étnico-raciais, se não ocorrer a mudança na concepção docente em relação às questões de igualdade e identidade e considerar que a igualdade é um valor a ser defendido e objetivado por todos.

Se a formação inicial do professor apresentou ausência de discussões relativas à temática étnico-racial, a busca de formação e conhecimento é uma alternativa importante, no sentido de conhecer a história do povo negro, dos povos indígenas que foram, por muito tempo, esquecidas e silenciadas. Pesquisar, estudar e compreender são formas de ressignificarmos nossas origens. Saber de onde surgiram as culturas que fazem parte da composição social brasileira é sumamente importante para entender o processo de hibridização cultural. Esse tipo de conhecimento pode melhorar as práticas educacionais no contexto escolarizado.

A partir da ação pedagógica, o professor pode criar condições para apresentar aos alunos a diversidade de informações sobre a cultura negra e permitir que este construa seu conhecimento e concepção acerca destes povos, seus saberes e culturas. Essa atitude se faz necessária na tentativa de desconstruir práticas nas quais as crianças que não são representadas em suas culturas e etnias – e, por isso, muitas vezes não se sentem parte do ambiente escolar se questionem sobre o que estão fazendo ali.

Alguns questionamentos podem ser levantados em relação a como propiciar, na educação infantil, que o docente possa educar na perspectiva

étnico-racial. O que muda com uma visão do alto pela criança a partir de tal ação? Piaget (1980), um dos pensadores mais discutidos nos estudos do desenvolvimento infantil, afirmou que cada criança passa por fases do desenvolvimento e que, em cada fase, torna-se capaz de construir seu conhecimento e agir sobre o meio em que vive. É então no período pré-operatório (de 2 a 7 anos) que a criança passa a frequentar a escola e constrói os primeiros “traços” de sua personalidade e identidade. Piaget (1980) afirma que:

A personalidade é, pois, uma certa forma de consciência intelectual e de consciência moral, igualmente distanciada da anomia peculiar ao egocentrismo e da heteronomia das pressões exteriores, porque ela realiza a sua autonomia adaptando-a à reciprocidade... A personalidade é ao mesmo tempo contrária a anarquia e à coação, porque é autônoma, e duas autonomias só podem alimentar entre si relações de reciprocidade (PIAGET, 1980, p. 52).

É importante que as práticas educativas se pautem na concepção de um estudante capaz de agir sobre o meio, de experimentar, sentir e compreender cada atividade e demonstrar sua compreensão de diversas maneiras. À criança deve ser dada a oportunidade da vivência e experimentação, do tocar, sentir, ouvir, observar e atuar, sempre interagindo com o meio e com as pessoas do convívio escolar. Convivência que é fundamental em qualquer fase do desenvolvimento e, principalmente, na infância período em que a criança está em processo de construção de suas estruturas mentais e de sua personalidade e escolhas.

Vigotsky, em seus estudos sobre convívio social, afirma que a criança se desenvolve a partir desta permanência em sociedade e que tudo isso influencia bastante em sua formação como sujeito ativo diante dos acontecimentos que ocorrem a sua volta e, conseqüentemente, na sua formação identitária. Quando se trata de experiências sociais, Vigotsky apud CRUZ; FONTANA (1997) assegura que:

A possibilidade de criação do homem está apoiada em sua faculdade de combinar o antigo com o novo a partir de elementos de sua própria experiência. À atividade criadora encontra-se em relação direta não só com a riqueza e a variedade de nossas experiências individuais, mas também com as experiências socialmente produzidas pela humanidade. Cada grande invento, descoberta ou obra de arte

produzidos pelo homem tem como base para o seu surgimento a enorme experiência acumulada social e culturalmente (CRUZ; FONTANA, 1997, p. 158).

Nesse sentido, acredito que a ação do professor nesta fase poderá contribuir significativamente na formação dos alunos, de modo que eles possam se tornar sujeitos críticos, participativos e conscientes da realidade em que vivem e de seu pertencimento histórico e social. Promovendo ações que priorizem a interação das crianças com seus colegas, funcionários da instituição e com o próprio professor.

Trabalhar valores étnicos desde a educação infantil é essencial nesta formação, para que a criança tenha a oportunidade de conhecer a diversidade racial presente em nosso país e de se reconhecer em meio a esta diversidade. Afinal, só haverá uma identificação se as crianças conhecerem todas as raças de uma maneira em que estereótipos são substituídos por uma visão positiva da pessoa negra. Toda criança deseja se espelhar em algo bom e perceber-se semelhante a isso.

Apesar disto, muitos professores continuam afirmando não saber como realizar determinado trabalho por não ter tido formação na área e considerar as formações atuais inviáveis, realizadas em seus horários de trabalho ou em fins de semana, colocando-os em situações de um “trabalho extra-classe”.

Diante disso, nos questionamos sobre o papel de “mudar a realidade” atribuída à escola e, conseqüentemente, ao professor. Seria ele o único responsável por esta mudança? Ao pensar sobre isto, nos remetemos ao pensamento de Charlot (2013, p. 94) que trata do “[...] choque entre as práticas do professor atual e as injunções dirigidas ao futuro professor ideal”.

Nosso professor atual seria capaz de agir para mudar uma realidade presente em mais de um século ou ele poderia realizar um trabalho cotidiano em sala e, através disto, ir modificando a realidade que lhe rodeia? Adotamos a ideia de que a ação docente pode produzir inúmeras diferenças na escola e o professor poderá sim fazer uma grande diferença na vida do aluno. É neste momento que começa a realização de um trabalho significativo, quando o professor percebe que, além de alunos, lida com seres humanos que precisam de atenção, valorização e reconhecimento. Freire (2009) afirma que:

[...] Não deve faltar em nossas relações com os alunos a permanente disposição em favor da justiça, da liberdade, do direito de ser. A nossa entrega à defesa dos mais fracos, submetidos à exploração dos mais fortes. É importante, também, neste empenho de todos os dias, mostrar aos alunos como há beleza na luta ética. Ética e estética se dão as mãos (FREIRE, 2009, p. 81).

Ao afirmar a importância da postura do professor, é necessário lembrar que boa parte dos alunos se espelham em suas atitudes e práticas. Assim, o professor tem condições de, a partir da sua ação educativa, motivar o aluno a acreditar em si e em sua potencialidade. O docente que estimula seu aluno a buscar ser, saber e fazer mais, a acreditar em sua capacidade de ir além e agir diante da realidade em que vive, traz mudanças significativas no contexto da escola.

### **1.3 – Trabalhando valores étnicos a temática afro-brasileira presente no cotidiano escolar da educação infantil**

[...] Somos negros. Sob certas circunstâncias e em certos lugares, isso consegue tornar a vida bem difícil para nós. Por isso, nos admirávamos tanto e nos olhávamos com tanto orgulho e admiração. A dificuldade era o traço comum de nossas vidas. A bem da verdade, ainda o é e por isso mesmo cada pequeno sucesso é um grande sucesso, motivo para uma fácil comemoração (BRAZ, 2005).

Iniciar o texto com a citação do autor Júlio Emílio Braz foi algo proposital. Em seu livro *“Na cor da pele”* (2005) ele traz a história de um garoto negro que durante muito tempo não se percebia como tal. Era sempre chamado de “moreninho, moreno claro”; são esses os codinomes que se utilizam para substituir a palavra “negro”. No entanto, com o desenvolver da história, ele passa a se perceber como um garoto negro e reconstruir sua identidade. A citação acima foi retirada do momento em que ele se refere o personagem se refere à família e afirma que o simples fato de ser negro é, muitas vezes, sinônimo de dificuldade, por isso, qualquer sucesso é motivo de comemoração.

A escolha por iniciar este texto com esta afirmação foi devido à sua relação com tudo o que vem sendo discutido neste trabalho: a formação identitária da criança negra e sua participação no ambiente escolar. Desejo,

portanto, que perceber-se como negra não seja para ela uma desconstrução parte de sua vida em que ouviu não ser negra, mas “morerinha clara”. Desejo que perceber-se como tal não seja algo ruim, que ela precise “se acostumar como isso”, mas que veja sentido e beleza em tudo isso. Que, desde criança, ela goste de seu cabelo cacheado, da sua pele escura e de seus traços físicos. Que essas características sejam, para ela, algo positivo, parte do que é e da diferença de nosso povo.

Acredito na capacidade que cada criança possui de compreender o que ouve, sente e vivencia e entender o que lhe é ensinado para então construir seu próprio conhecimento. Considerando que a fase da educação infantil é uma das melhores de trabalhar valores e atitudes humanas, devido às crianças não possuírem ainda uma personalidade formada e um pensamento fixo numa sociedade que impõe seus valores e crenças e, por vezes, não permite o direito ao conhecimento e a escolha.

Penso que as crianças não são incapazes de aprender na educação infantil, simplesmente, por não dominarem totalmente o uso da linguagem e explicarem o que entenderam de forma verbal. Elas se expressam através de gestos, ações e pequenas falas. De maneiras diferentes, podemos perceber seu entrosamento e a construção do conhecimento.

Essa construção se dá no cotidiano da escola, em temas presentes no currículo da educação infantil, a exemplo de família, identidade e valores sociais. É preciso lembrar que, para a criança, a figura do professor é algo bastante significativo, influencia bastante em suas ações pois a imitação é algo bastante característico nesta fase da infância (de 2 a 5 anos). Confirmando isto, o Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998) afirma que:

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas (BRASIL, 1998, p. 41).

Tendo por base o que consta no Referencial (1988), proponho uma prática pedagógica que esteja voltada para o respeito às diferenças. Tendo a consciência que muitas pessoas podem achar desnecessário o trabalho com a

temática afro-brasileira na educação infantil, enfatizo que essa ação deve acontecer considerando a faixa etária das crianças e adequando o conteúdo à forma de compreensão de cada uma. O novo Plano Nacional de Educação nos serve como norte para o destaque da importância dessa temática e do seu trabalho em toda a educação básica:

A articulação do PNE com a Lei 10.639/03 vem estar diretamente ligada à estratégia 7.25, que visa [...] garantir nos currículos escolares conteúdos sobre a história e as culturas afro-brasileira e indígenas e implementar ações educacionais, nos termos das Leis nºs 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e 11.645, de 10 de março de 2008, assegurando-se a implementação das respectivas diretrizes curriculares nacionais, por meio de ações colaborativas com fóruns de educação para a diversidade étnico-racial, conselhos escolares, equipes pedagógicas e a sociedade civil (OLIVEIRA e LIMA, 2015, p. 05).

Nesse sentido, o governo federal reconhece a importância desta temática e a necessidade de implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 em todas as instituições escolares. Para sua realização, afirma a urgência da formação do professor, da realização de conselhos escolares e de fóruns que preparem toda a equipe pedagógica e a sociedade civil. Cabendo, portanto, a cada município e estado promover suas ações diante dessa necessidade.

Nesse caso, consideramos os avanços no município de Campina Grande – PB, por observar e vivenciar diversos momentos de formação de professor, que promovem uma discussão sobre o tema da diversidade desde a educação infantil e formam os professores para a realização de práticas positivas nesta área. Como pesquisadora da temática, tive a oportunidade de presenciar algumas dessas formações e considero um passo importante nessa discussão, assim como os projetos aplicados nas escolas da rede.

Reconheço os avanços sem esquecer que a abordagem da temática étnico-racial no ambiente escolar deve ser algo que permeie todo o espaço e que seja considerado tão importante quanto os diversos temas, pois se trata de algo que contribuirá com a formação desses alunos e com a construção de sua identidade enquanto cidadãos. É preciso desconstruir práticas racistas e preconceituosas que ainda permanecem presentes em toda sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar. Esse processo de desconstrução pode e deve acontecer dentro da escola:

A Lei n.º 10.639/03 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/96) e pode ser considerada uma reivindicação do Movimento Negro e de organismos da sociedade civil, de educadores e intelectuais comprometidos com a luta antirracista. Pode também ser entendida como uma resposta do Estado às demandas em prol de uma educação democrática, que considere o direito à diversidade étnico-racial como um dos pilares pedagógicos do País, especialmente quando se consideram a proporção significativa de negros na composição da população brasileira e o discurso social que apela para a riqueza dessa presença. De Norte a Sul do País, a presença negra é divulgada discursivamente como um forte componente da diversidade cultural brasileira. Todavia, do ponto de vista das políticas, das práticas, das condições de vida, do emprego, da saúde, do acesso e da permanência na educação escolar, a situação ainda é de desigualdade, preconceito e discriminação (GOMES, 2012, p. 19).

Como afirma Nilma Lino Gomes (2012), estudiosa bastante conhecida na promoção de debates referentes à temática étnico-racial, as legislações existem e são consideradas iniciativas importantes. No entanto, as práticas de racismo e preconceitos ainda são frequentes e estão presentes em nossa sociedade e em nossas escolas. É o chamado racismo velado<sup>3</sup>. Tal postura pode ser vista através do depoimento de uma blogueira chama Mayara Nicolau afirmando que:

[...] Na nossa sociedade deve ser difícil encontrar alguém que se declare racista, talvez homofóbico, machista, mas racista não, racismo não existe no Brasil. Afinal, somos um lindo país resultado da mistura de povos e raças diversas e todos sabem conviver e respeitar essas diferenças. Pena que a vida não seja esse arco-íris descrito aí em cima né... o que eu vejo, na verdade, é um Brasil extremamente racista e mentiroso. Esse racismo velado que temos que encarar todos os dias talvez seja tão ruim quanto um racismo explícito, pois ambos agridem da mesma maneira.<sup>4</sup>

É por esse e outros motivos que percebo a presença deste racismo em nosso dia a dia. Ainda que os discursos sejam muito bonitos e motivadores, a

---

<sup>3</sup>Racismo velado refere-se a presença de atitudes racistas no pensamento, ações e palavras das pessoas mas que muitas vezes é negado. Ou seja, afirma-se não possuir nenhum tipo de preconceito ou racismo. Também conhecido como “mito da democracia racial” quando nos referimos a obra “Casa Grande Senzala” de Gilberto Freyre, onde ele afirma que a relação entre escravos e senhores era uma relação amigável e sem atitudes de empoderamento. Assim como no Brasil se afirma reconhecer a presença da diversidade racial e “não existir” preconceito, apesar de que ele esteja presente nos pensamentos e atitudes cotidianas dos brasileiros.

<sup>4</sup> Texto completo disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2013/10/11/racismo-velado-privilegios-nao-reconhecidos/>. Acesso em: março de 2016.

realidade difere um pouco dessas afirmações. Expressões de repulsa a crianças negras, afirmações que “só podia ser ele mesmo” para comer assim ou ser malcheiroso assim, são coisas que volta e meia observo nas escolas. Ou, às vezes, atitudes vindas das próprias crianças, recusando-se a pegar na mão de uma colega, simplesmente, por ela ser negra. Tais atitudes são aprendidas e não vindas somente da “mente” da criança.

Ainda que saiba que atitudes como essas não fazem parte do universo infantil e da “capacidade de pensamento” da criança, tendo em vista que ela deve ter visto, ouvido ou aprendido em algum lugar para então reproduzir, tenho bons pensamentos. Acredito que essas atitudes podem ser desconstruídas na escola, com a orientação do professor, de maneira saudável e sem muito “assombro”.

Utilizo essa palavra porque muitas vezes é assim que muitos professores agem, com uma forma assustada e inusitada, gritam com seus alunos e usam a frase típica: “menino, você não pode fazer isso”, sem permitir a “esse menino” o entendimento do porquê de não poder fazer algo ou pensar assim.

O professor pode trabalhar essas relações na sala de aula de maneira lúdica e produtiva, por exemplo: ao trabalhar o tema identidade (quem sou eu), abordagens raciais podem ser inseridas nas aulas. Explicando para as crianças a diversidade de cores de pele presentes nos brasileiros, porquê de sermos um povo “tão misturado” e que, por mais que nossos olhos vejam nitidamente a diferença de cada um, sermos todos importantes e belos do nosso modo.

Trabalhando o tema família, o professor poderá também falar sobre isso, perguntando para as crianças qual a cor de pele de seus pais e avós; constantemente aparecem pessoas brancas e negras dentro da mesma família, assim, através desses exemplos, as crianças entenderão que esse tema não é algo que está distante delas, faz parte de seu cotidiano.

O que acontece é que muitos de nossos alunos negros crescem ouvindo seus familiares afirmarem que não são negros. São morenos, são “café com leite”, mas negros não são, assim como o personagem do livro de Júlio Emílio Braz, citado no início desta seção. Justamente por possuírem uma visão negativa da pessoa negra, se essas crianças tiverem oportunidade de conhecer “o outro lado da história” dentro da escola, creio que será bastante

significativo para sua formação pessoal. Conhecer suas raízes, conhecer a história de um povo e ver o quanto há de positivo nisso é marcante na história de qualquer pessoa.

As relações étnico-raciais são algo que estão presentes em nosso dia a dia, dentro da nossa casa, em nosso convívio familiar e em todos os ambientes que frequentamos. Se desejarmos manter boas relações com todos e estimular as crianças a isso, é preciso que compreendam a importância dessas relações. Entendam que aprendemos com o outro que convive conosco e que ele, por vezes, é diferente da nossa maneira de ser, pensar e agir. Seguindo essa ideia, que aprendemos com o diferente, foi criada uma série de legislações reconhecendo a diversidade étnico-racial do povo brasileiro.

[...] Uma educação voltada para a produção do conhecimento, assim como para a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos para (e na) diversidade étnico-racial, significa a compreensão e a ampliação do direito à diferença como um dos pilares dos direitos sociais. Implica também a formação de subjetividades inconformistas diante das práticas racistas e com conhecimento teórico-conceitual mais aprofundado sobre a África e as questões afro-brasileiras (GOMES, 2012, p. 22).

As reflexões elaboradas por Nilma Lino Gomes (2012) destacam a importância de uma educação transformadora e nos motivam a pensar sobre a prática docente e a importância da mediação do professor na construção de subjetividades inconformistas. Ou seja, na formação de alunos críticos e conscientes, que saibam reagir diante das práticas racistas presentes na sociedade.

Para a efetivação destas ações, é preciso que se tenha conhecimento dos documentos, leis, resoluções e diretrizes que regem o sistema educacional brasileiro e tratam da temática étnico-racial. Através deste conhecimento, saberemos agir diante da realidade que vivemos, considerando o que temos direito de cobrar e o que precisamos cumprir dentro do ambiente escolar.

O conhecimento das Leis, articulada às questões do cotidiano docente e do aporte teórico, é fundante para a realização de uma prática responsável e consciente de sua importância dentro do ambiente escolar. Saber que a história dos africanos e afro-brasileiros foi por muito tempo negada e que, durante sua presença no Brasil, foi explorada apenas sua mão de obra é fundamental para

que o professor possa realizar práticas que permitam ao aluno conhecer esta história e a influência da cultura africana e afro-brasileira em nosso país.

A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 3º, ao tratar dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, afirma a promoção do “[...] bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.” O texto constitucional considera o reconhecimento da diversidade de povos brasileiros e prima pela busca por ações sem preconceito seja ele de raça, sexo, cor ou qualquer outro.

Tal documento demonstra a importância do combate de qualquer forma de preconceito existente, de modo que possamos viver de maneira livre e agradável. No entanto, a realidade social brasileira ainda se encontra muito aquém do que está posto na constituição. No intuito de contribuir com a melhoria desta realidade, propomos uma educação para as relações étnico-raciais que esteja voltada para a diversidade.

Educação que permita ao aluno ter a liberdade de afirmar-se de maneira livre, sem temores e tome conhecimento da diversidade de povos existentes, suas culturas e práticas sociais, de modo a conhecer o outro antes de julgá-lo ou (pré) concebê-lo como estranho. Conhecer, perceber, observar e ouvir são verbos que devem estar, frequentemente, presentes nesta prática.

Não podemos desconsiderar o papel importantíssimo da escola na promoção desta educação, pois, sendo uma instituição social de grande importância, ela é capaz de desconstruir para construir: onstruir novas visões de mundo e saberes até então ocultos do currículo escolar.É nesse intuito que a Lei de Diretrizes de 1996 (LDB/96) afirma em seu artigo: 26 §4º que o ensino de história do Brasil deverá levar “[...] em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia”.

É essencial a presença de um ensino que aborde a contribuição das diversas etnias para a formação de nosso povo, para que nossos alunos percebam que somos parte de cada uma delas e ambas são importantes em suas singularidades e estão presentes em nosso modo de ser, pensar, agir, sobreviver, enfim, em nossa cultura.

Seguindo esta concepção, em janeiro de 2003, foi instituída a Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-

brasileira em toda a educação básica e, logo após, se deu a efetivação da Lei 11.645, no ano de 2008, em que foi acrescida a questão indígena. Ambas as legislações reconhecem a relevância de um ensino que aborde a presença e contribuição do povo africano, afro-brasileiro e indígena para a formação do povo brasileiro.

Pensando na relevância desta questão e buscando contribuir com a educação para as relações étnico-raciais, após a resolução 01/2004 foram elaboradas e lançadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da história e cultural Afro-Brasileira e Africana. Ao garantir a

[...] construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada” determinado documento aborda uma série de diretrizes e objetivos a serem atingidos na educação básica (BRASIL, 2004).

Sempre enfatizando a importância de oferecer a oportunidade de expressão das vozes tão silenciadas durante todo esse tempo, bem como reconhecer o direito do povo negro em nosso país de ser visto como igual em seus direitos e diferente em sua cultura e características. É perceber a diferença como algo bom e produtivo, buscando combater ações que a desconsideram ou marginalizam.

É necessário que determinadas leis e diretrizes sejam postas em prática, que os documentos legais assegurem os direitos do povo negro, mas que, na prática, eles sejam validados e que os (pré) conceitos sejam abolidos a cada dia de todos os locais, principalmente, da instituição escolar.

Considerando que a educação infantil é a base da educação básica, ela torna-se imprescindível na vida da criança, por acreditar que cada situação vivenciada nesta fase e o conhecimento construído pelas crianças, da sua maneira, poderão resultar na formação de uma pessoa crítica e reflexiva.

Criar situações em que as crianças se sintam bem em frequentar a escola, em que possam se reportar ao mundo da imaginação e se encaixar em cada história contada. Para seguir com este propósito, nada como a literatura infantil para criar esses momentos de alegria, prazer e construção do saber. É importante que esses direitos sejam oferecidos a todas as crianças sem

nenhuma distinção, seja ela de raça, cor, sexo ou classe social tenham acesso à educação e uma boa educação.

A seguir discutirei a importância do uso da literatura na educação infantil e sua contribuição na formação das crianças e sua compreensão do mundo que a rodeia. Pois ao ouvirem uma história e compreenderem a ação do personagem nesta história, as crianças podem ser estimuladas a pensar em sua vida e tudo que acontece a sua volta, de modo semelhante ou não ao que acontece nas histórias.

## 2 OLHA MÃE, A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA PARECE COMIGO! DISCUTINDO A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

[...] do lado da casa dela, morava um coelho branco, de orelha cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso, sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava: - Ah, quando eu casar, quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela (MACHADO, 2011).

Não há como falar em literatura infantil sem citar Ana Maria Machado e uma das minhas histórias preferidas “*A menina bonita do laço de fita*”. Acredito que essa história já marcou a vida de muitas crianças, meninas negras, por encontrarem nela uma imagem positiva de sua cor de pele. Nessa história, a autora retrata a admiração que um coelho branco tem pela menina negra, o desejo de ser parecido com ela e por não conseguir tal façanha, e por pretender um dia casar com uma coelhinha negra e ter uma filha parecida com a menina bonita.

É justamente o recorte desta fala que retiro da história e cito no início deste capítulo como epígrafe, que utilizo para afirmar que existe beleza em ser negro e há algo positivo nisto. É isso que Ana Maria Machado (2011) mostra em seu livro ao destacar que o coelhinho branco deseja ser pretinho igual à menina, ou seja, ele vê beleza na pele negra dela e fica curioso para descobrir como ela conseguiu ser assim.

Ao trabalhar essa história com as crianças, na educação infantil, o professor tem diversas possibilidades de inserir o tema da diversidade racial e mostrar para as crianças que cada pessoa tem sua beleza e importância, exatamente da forma que elas são.

É esta discussão que abordarei neste capítulo: do quanto a literatura é significativa na vida da criança; a relação da criança com o livro; e a importância da literatura no processo de formação identitária infantil, apontando o significado do texto literário no campo educacional. Esses temas serão discutidos aqui, de modo que possamos compreender a relevância da literatura na vida da criança e em sua formação pessoal.

## 2.1 “Era uma vez uma criança que gostava de ler”: refletindo a relação da infância com os livros de literatura infantil

Por isso quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, um ninho de guacho, uma concha de caramujo, o vôo dos urubus, o zinir das cigarras, o coaxar dos sapos, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Dessas coisas, invisíveis aos eruditos olhos (ALVES, 2001 p.66).

Os escritos de Rubem Alves sempre nos permitem refletir sobre a realidade que vivemos e perceber quanto tempo perdemos, por quantos lugares passamos e quantas situações vivenciamos sem perceber os pequenos detalhes que dão sentido à vida. Ao pensar nisso, ele afirma que deseja ensinar as crianças porque “elas ainda têm olhos encantados”, olhos capazes de enxergar beleza em algo simples e mistério em coisas pequenas da vida, essas coisas que, com o tempo, tornaram-se invisíveis para nós, adultos.

Vivemos na correria cotidiana e acabamos passando por eles de maneira despercebida. Às vezes, as coisas acontecem visíveis aos nossos olhos e, ainda assim, não percebemos o que aconteceu. As crianças não percebem detalhes, sentem com intensidade e vivem de maneira ousada e impetuosa, encantam-se com o belo e veem beleza no que muitas vezes o adulto não consegue perceber.

Ao brincar, utilizam seu imaginário e se veem no contexto em que brincam, vivem, interpretam e se realizam através da fantasia. Ao assistir um filme ou desenho, concentram-se no que estão vendo, imaginam-se no lugar do personagem e, muitas vezes, têm dificuldade até de diferenciar o real do imaginário. Ao serem apresentadas a livros infantis, encantam-se com o que leem, com as imagens, interessam-se pela história do personagem e se imaginam no contexto da história.

Para elas, uma história infantil não é apenas mais uma história que os adultos muitas vezes não dão a devida importância e algumas vezes dizem: “lá vem, mais uma história, mais um livro, só mais um...”. Para as crianças, são as

histórias, os personagens, que permitem que exercitem sua imaginação, imaginem o cenário e se identifiquem (ou não) com elas.

Elas podem, portanto, sentir-se representadas ali ou podem ver personagens totalmente diferentes do que são, da cultura em que vivem e do que imaginam ser bom. Podem, mesmo em silêncio, mudar sua concepção do que é bom, do que é belo, do que é importante. Tudo isso, através da literatura.

A literatura é um meio, uma maneira diferente (e legal) de interpretar o mundo que as rodeia, uma forma de entender a realidade. Por isso, torna-se algo tão significativo no ambiente escolar, não somente na concretização dos conteúdos, mas como uma maneira lúdica de divertir e, ao mesmo tempo, estimular a atenção, concentração, imaginação e compreensão de mundo.

Alves (2001), ao falar das crianças, afirma que deseja voltar a ensiná-las porque delas recupera o prazer pela vida. Elas têm capacidade de enxergar além do que lhe é óbvio e esse olhar pode ser incentivado pelo professor. O professor tem a possibilidade de direcionar o olhar da criança para algo que foi visto que ela ainda não conhece e não foi apresentada. Esse direcionamento pode partir da literatura infantil na apresentação do livro, motivando o aluno a se interessar mais e a buscar, através do conhecimento do livro, novas possibilidades de se encantar com as histórias infantis.

Essa situação de “apresentação” pode ser comparada a um tipo de comida que nos é oferecida sem que saibamos o sabor. A forma que nos é apresentada, o entusiasmo da pessoa que nos entrega, já nos permitem ter uma ideia do que iremos saborear. Se sorriem para nós e nos dizem que é algo muito bom, a motivação é uma. Se fazem uma expressão ruim e afirmam não ter gostado, a forma que experimentamos é outra.

Da mesma forma ocorre com a apresentação e utilização da literatura infantil com as crianças: se apresentamos o livro de uma maneira animada, se contamos e vivenciamos a história, apresentando o mistério e conduzindo a situação de uma maneira que elas vivenciem isto, a recepção será uma. Se usarmos de maneira repetitiva e com cobranças, a experiência será outra diferente da que desejamos enfatizar aqui.

O professor torna-se, neste sentido, apresentador da história, aquele que irá conduzir e mediar a experiência de leitura de uma forma que a criança encontre prazer neste ato e descubra que, através dela pode viajar, muitas

vezes, sem sair do lugar. É importante destacar que leitura, em nosso caso, não se define somente pelo ato de domínio do código escrito, mas pela interpretação das imagens e capacidade de imaginação.

Torna-se necessário, que desde a educação infantil, a relação da criança com o livro seja estimulada, para que, ainda que não domine o código escrito, os alunos possam ter acesso ao conhecimento, às histórias, às imagens de cada uma delas, ao mundo da imaginação. Este acesso pode permitir que as crianças se apaixonem por livros, gostem de manuseá-los, observá-los e ler as imagens presentes, ouvir a história contada pelos adultos e recontar do seu modo. Esta é relação entre a criança e o livro que pretendo defender aqui e que vale a pena ser incentivada na educação, desde os primeiros anos de vida.

Considerando que nem sempre esta relação da criança com a literatura infantil é a que percebemos hoje – em que os alunos têm oportunidade de ver, ouvir e vivenciar as histórias – nós vamos, agora, viajar um pouco pelo percurso histórico da literatura infantil. Para que, ao conhecer aspectos significativos desta história, possamos perceber a sua importância no campo da educação.

## **2.2 “As palavras sempre ficam”:** pensando a literatura e as práticas de leitura na educação infantil

As palavras sempre ficam. Lembre-se sempre do poder das palavras.  
Quem escreve constrói um castelo, e quem lê passa a habitá-lo. [...] Odeio as palavras e as amo, e espero tê-las usado direito<sup>5</sup>

A escolha por iniciar esta discussão com uma citação do livro: “*A menina que roubava livros*” de Markus Zusak (2013) não foi em vão. Trata-se de um dos meus livros prediletos no qual a personagem principal conta sua história vivida na época da segunda guerra mundial e como conheceu os livros, como sua relação com eles a ajudaram a seguir na vida adulta, e fizeram com que se comprometesse com a leitura, a escrita e sua função social. Identifico-me com essa história porque minha relação com os livros também surgiu na

---

<sup>5</sup> Disponível em: [http://pensador.uol.com.br/frases\\_a\\_menina\\_que\\_roubava\\_livros/3/](http://pensador.uol.com.br/frases_a_menina_que_roubava_livros/3/). Acesso em: março de 2016.

infância e, até os dias atuais, a leitura e a escrita me caracterizam; não seria quem sou sem elas.

Por isso, inicio com esta epígrafe que destaca o poder das palavras a partir das quais quem escreve, “constrói um castelo e quem lê passa a habitá-lo”. Assim também é a relação da criança com o livro infantil. Quando um adulto lê um livro para ela e quando esta tem a oportunidade de pegar no livro, de observar e interpretar as imagens, a criança passa a criar através da imaginação, sua própria história.

Por isso, a relação com os livros através da literatura infantil é tão importante na formação deste sujeito, desde os primeiros anos de vida. No entanto, essa relação da criança com o livro vem sendo modificada ao longo dos anos, considerando que o modelo tradicional de ensino predominava nas instituições e este

modelo que hoje denominamos como tradicional, teve origem no final do século XX, como forma de atender as exigências da época. [...] era papel da escola preparar o cidadão para “o mundo lá fora” no sentido de obedecer todas as regras e adequar-se a cada uma delas, enquanto a criança sofria coesão dentro de sua própria casa, ao sair para escola, ela devia também obedecer todas as regras e se adaptar também ao modelo educação instituído. Não se pensava na criança, não se pensava na criança como digna de direitos e deveres, a preocupação maior era com a formação de um cidadão capaz de habituar-se ao modelo da sociedade vigente (CRUZ, 2012, p. 15-16).

Nesse sentido, como afirma Cruz (2012), durante este período, a única preocupação da escola era formar a criança como um cidadão amante e obediente à sua pátria. Mas, com o passar o tempo, os debates referentes à educação e ao sistema tradicional de ensino foram intensificados, desejando tornar a educação mais democrática e menos controladora, voltada à participação e organização do povo, valorizando suas culturas e diversas realidades. Em meio a essas discussões, surge a necessidade do uso da literatura específica para o público infantil, em que as crianças não aprenderiam apenas a moral<sup>6</sup>, mas teriam a oportunidade de conhecer as diversas obras e histórias,

---

<sup>6</sup>A palavra moral aqui, está sendo utilizada relembrando a época em que as crianças frequentavam a escola para serem educadas no sentido da moral e cívica, ou seja, para ser tornarem bons cidadãos, amantes de sua pátria e obedientes as ordens por ela determinadas.

[...] o conhecimento [é] então produzido, como resposta para os problemas formulados nas últimas décadas do século XX, atribuiu novos sentidos à literatura infantil e ao ensino da literatura. Fundou-se, assim, uma nova tradição até hoje atuante, incorporada principalmente no discurso acadêmico, na produção editorial e, na medida da conveniência e das possibilidades de sínteses ecléticas, no discurso pedagógico oficial (MORTATTI, 2014, p. 28).

Questões como essas destacadas por Mortatti (2014) são importantes se incorporadas pelos professores para a reorganização de suas práticas e uma melhor formação para atuação. O governo federal começou a agir diante dessa realidade, promovendo formações docentes e disponibilizando uma variedade de materiais didáticos para a melhoria da prática docente e, conseqüentemente, da realidade escolar.

O uso da literatura passa a ser então algo imprescindível no currículo da educação infantil, por acreditar que sua presença promove a ludicidade e o uso do imaginário, características essenciais nesta fase. Por haver a discussão de uma possível reforma escolar “[...] a literatura encarnava a utopia de uma escola renovada e eficiente, de que resultavam a aprendizagem do aluno e a gratificação profissional do professor” (ZILBERMAN, 2009, p. 13).

Como afirma Zilberman (2009), a literatura passa então a ser vista como aquele instrumento que poderá ser usado em sala de aula como meio de promoção de uma educação mais voltada à criança, que considere a faixa etária e a capacidade de compreensão de cada uma delas. Assim como, ao utilizar a ludicidade, o professor também se sente gratificado por perceber que seus alunos gostam e participam de suas aulas de maneira prazerosa e significativa.

Com o desejo de reformular o currículo escolar e a promulgação da Constituição de 1988 tudo parece melhorar, pois os direitos dos cidadãos passaram a ser registrados e reconhecidos na legislação. Um dos reconhecimentos presentes no documento foi a afirmação referente à diversidade étnica do povo brasileiro, bem como sua valorização. No entanto,

[...] tudo o que mudou parece ter mudado para melhor – menos a escola, com suas conseqüências: a aprendizagem dos alunos, a situação do professor, as políticas públicas dirigidas à educação, para não se mencionarem as condições de trabalho, onde predomina a

insegurança, e o espaço físico das salas de aula, degradado e degradante. Onde deveria reinar a mesma euforia, predominam a desolação, o desestímulo, os sentimentos de decepção e de fracasso (ZILBERMAN, 2009, p. 14).

Ziberman (2009) apresenta-nos um fato bem realista, que nos faz perceber os avanços e, ao mesmo tempo, não esquecermos do quanto ainda precisamos progredir. O reconhecimento de nossos direitos, a presença da pluralidade cultural, a necessidade de valorizar o direito de todos, tudo isso se desenvolveu de uma forma significativa com a promulgação da Constituição Federal, pois determinado documento valoriza a pluralidade do povo brasileiro e afirma que todo cidadão tem direito de ser respeitado, independente de raça, etnia, credo, classe social ou orientação sexual. Além da legislação, o que falta é a qualidade da escola, fornecer melhores condições aos professores para que possa ocorrer a melhoria do ensino.

Essa afirmação da autora foi publicada há 7 anos e, infelizmente, o contexto atual não é muito diferente. Foram oferecidos mais materiais que respaldam o trabalho, que reconhecem o que está posto na constituição e nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, mas as condições de trabalho ainda precisam ser melhoradas e, principalmente, a valorização do profissional da educação.

Ainda assim, existem muitos professores que procuram inovar seu trabalho e se interessam por realizar ações que abordam a temática ético-racial no ambiente escolar, promovendo novos aprendizados. É pensando nesses professores e naqueles que também afirmam não realizar determinada ação por “não saber como fazer”, que damos continuidade a este trabalho, para oferecer apoio na utilização da literatura com conteúdo afro-brasileiro desde a educação infantil.

Adoto, então, o trabalho com a literatura como algo que contribua com esta ação, considerando a importância de sua presença no universo da educação infantil e tendo consciência de que muitos professores desta área confirmam a relevância da utilização da literatura em suas aulas e, por isso, utiliza-os cotidianamente.

Propiciam às crianças momentos de ludicidade, descontração e experiências com a leitura, apesar de saber que a leitura de fato do código escrito não acontecerá no momento. O simples fato de ouvir uma história,

folhear o livro e recontá-la a seu modo é um ato de leitura de mundo. Portanto, acredito que

[...] os (bons) textos literários encantam e ensinam (obviamente, se lidos, ou pelo menos ouvidos), porque fazem diferença em nossas vidas, constituem experiências profundamente humanas [...], porque nos ajudam a formular perguntas para nossa vida, estimulam nossa sabedoria, nossa busca de conhecimento de nós mesmos e do mundo. Nesse sentido, encantam e ensinam, porque, lendo-os, aprendemos algo sobre nossa vida, ao mesmo tempo em que aprendemos sobre a importância da literatura na formação do ser humano [...] Esses textos têm, portanto, uma função formativa específica (MORTATTI, 2008b, p. 27).

Nesse sentido, concordo com Mortatti (2008), pois penso que a literatura nas salas de aula de educação infantil faz parte do universo lúdico sendo, portanto, essencial nessa faixa etária. Ao mesmo tempo em que a leitura do livro por si só tem uma função específica – função esta que não necessita necessariamente ser “cobrada” dos alunos, mas posta em prática e observada no cotidiano escolar.

Como afirmei anteriormente, a literatura infantil não deve ser usada de uma maneira mecânica, apenas com um intuito de trabalhar determinado conteúdo, deve ser algo que transmita prazer e bem-estar para os alunos. Até porque, acredito em sua contribuição para a formação identitária das crianças, trabalhando a história e relacionando com a realidade das crianças. Sabendo que desde os primeiros anos de vida até por volta dos 6 anos de idade a criança está em uma fase de desenvolvimento de sua personalidade, é nessa faixa etária que a base de sua formação é construída, podendo ser modificada ao longo da vida mas carregando consigo muitos traços da fase infantil.

É por saber disso que enfatizo a questão da formação identitária da criança nesta fase. É no ambiente escolar, nos primeiros momentos de convívio, que é trabalhado com ela temas como a família e a comunidade. Por meio destes temas, o docente, muitas vezes sem perceber, está moldando a construção da identidade da criança.

Ao afirmar que a criança é “menino ou menina”, ao falar sobre sua família, ao identificar sua comunidade, o professor trata das questões de gênero, de linhagem (descendência) familiar e cultural. São temas cotidianos e

por vezes, não percebemos o que realmente “está por trás” deles. Se trabalhados de uma forma relevante, podem contribuir significativamente para a formação dessa criança, para a compreensão de sua raça, cor, sexo, etnia, para o entendimento da diferença entre elas e seus colegas, para a promoção do respeito a essa diferença.

O professor é uma figura de suma importância nesse processo, pois cotidianamente torna-se referência para os alunos, tanto de formação como de comportamento. É preciso ter a consciência de que tudo que se fala e se ensina, principalmente às crianças pequenas, necessita que seja posto em prática no cotidiano escolar, porque os alunos observam a figura do professor o tempo todo. Por mais que, em muitos casos (devido à faixa etária), não saibam expressar oralmente sua observação, estão em constante vigilância e reproduzem o tempo todo a postura que observam. Portanto,

[...] a criança aprende através do que ouve e do que vê, os adultos são para ela um exemplo de como agir, um espelho observado dia a dia e se desejamos que nossos alunos sejam motivados a respeitar o outro, reconhecer as diferenças e agir com generosidade, devemos agir de tal modo, não há como ensinar uma criança a seguir algo que não praticamos, o professor é antes de tudo, uma referência no ambiente escolar (CRUZ, 2015, p. 09).

Assim como afirma Cruz (2015), destaco a importância da figura do professor e de suas ações dentro da sala de aula, onde tudo que for trabalhado e, conseqüentemente, ensinado deve estar presente nas práticas cotidianas. Para o trabalho com esses valores na construção dessa identidade, o uso da literatura é primordial, porque é nesse processo que

[...] as crianças iniciam a representação de papéis, este jogo de faz-de-conta facilita a internalização de processos do mundo que a cerca, pois a criança imita fatos da vida real e cotidiana. Estes aspectos são adquiridos paulatinamente pela criança, são gerados aproximadamente nos dois anos de idade, a partir da representação mental, passando a existir uma inteligência simbólica (representacional) (CRUZ, 2015, p. 10).

É nesse sentido que conceitos que parecem ser bastante densos, como o conceito de raça, de diversidade do povo brasileiro, direitos iguais e respeito

a diferença, podem ser trabalhados de uma forma adequada a faixa etária das crianças. Por isso, ao utilizar a literatura infantil, ao trabalhar por exemplo, a história da *Menina bonita do laço de fita* (Ana Maria Machado), o docente estará abordando esses conceitos, a raça (cor) da menina e do coelhinho, a admiração dele pela cor de pele da menina, seu desejo de se tornar da mesma cor (valorização de sua identidade – autoaceitação), seu casamento com uma coelhinha negra e por fim, seus filhos de diversas cores (mistura de raças, povo brasileiro).

É interessante observar que através do texto literário é possível retirar valores necessários para a vida da criança e que muitos professores afirmam “não saber como pôr em prática”. São situações simples que promovem a descoberta e o aprendizado infantil, permitindo que a criança vivencie e descubra o real sentido de tudo.

A criança tem direito de construir seu próprio universo através da mediação, conhecer o mundo que está a sua volta e perceber a realidade que vivemos de uma maneira sincera. Para ela, é importante que as situações da vida não sejam algo “camuflado” e resumido a coisas boas e bonitas de acordo com o pensamento de muitos. Ela tem, sim, direito de conhecer a realidade social em que vive e interpretá-la do seu modo. Ao ser apresentada a uma história, a criança deve ter a oportunidade de folhear o livro, recontar a história e expressar sua opinião sobre ele, ainda que não saiba pronunciar todas as palavras “corretamente”, mas, do seu modo, se posicionará.

É importante que a escola promova situações e práticas que possam contribuir com a construção do sujeito que se deseja consciente, crítico e participativo desde os primeiros anos de vida, e não assumir o papel da escola que apenas impõe regras e silencia seus alunos, daquela que poda sua capacidade deste de ir além. Cruz (2012) se posicionando a este aspecto, destaca

[...] um dos escritos de nosso grande educador, Paulo Freire: “aos professores fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda” (CRUZ, 2012, p. 23).

Para que os educadores apontem o caminho e permitam que seus alunos possam alçar voo (acreditar em sua capacidade de ir cada vez mais além na vida), que a altura desse voo seja de acordo com seu desejo e não que suas asas foram cortadas ou seu caminho limitado. Ou seja, que nossos alunos não sejam impedidos de seguir em frente em busca de seus sonhos, que o professor possa motivá-los a buscar cada vez mais e não desistir.

Que nossas crianças sejam motivadas e percebam que são capazes de ir além, que sua capacidade não está limitada a sua classe social ou pertencimento étnico-racial. Que os alunos percebam que a diferença existente no cotidiano escolar faz parte fora dele, da sociedade brasileira. Desejos como esses podem acontecer dia a dia com a realização de ações responsáveis e comprometidas de cada profissional que faz parte do campo da educação.

É nesse sentido que discuto o trabalho com a literatura com conteúdo afro-brasileiro a partir da educação infantil, trabalhando a diversidade desde a infância e considerando a importância deste trabalho para a formação das crianças.

Acreditando que a criança negra terá orgulho de sua cor de pele ao perceber que existe uma representação positiva nisto, que os personagens de filmes e desenhos infantis também são negros e têm o cabelo cacheado como os dela, ela se sentirá bem em sua diferença e perceberá que cada pessoa é única e importante. Dessa maneira, o professor pode mostrar a seus alunos que o país onde vivemos é o país da miscigenação, onde as características físicas das pessoas são fruto da mistura de várias raças, brancos, negros, indígenas e tantos outros.

A democracia racial começa através de pequenas mudanças no dia a dia da sociedade. A partir do momento que reconhecemos a presença desse racismo velado e silenciado e percebemos que precisamos fazer algo para desconstruir essa situação, o docente pode contribuir com a disseminação desta democracia a partir da ação pedagógica, apontando na sala de aula, conversando com os alunos e permitindo que eles reconheçam que todas as pessoas são diferentes. É isso que possibilita que cada um faça sua parte na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Sociedade que perceba a diferença como algo bom e que somente com ela as pessoas podem se unir e agir diante de sua realidade, cada um a seu modo. Pois, qual sentido teria se em uma sociedade as pessoas fossem todas iguais? É com a diferença que podemos completar um ao outro.

Pensando desta maneira, o professor terá possibilidades de trabalhar a diversidade em sala de aula, explicando para as crianças que ser diferente é normal e significativo.

### **2.3 – A literatura infantil com conteúdo afro-brasileiro: trabalhando as relações étnico-raciais no cotidiano escolar**

Neste tópico, pretendo discutir um pouco sobre a utilização da literatura com conteúdo afro-brasileiro na educação infantil, considerando que este uso poderá contribuir significativamente com o trabalho referente às relações étnico-raciais no ambiente escolar.

Destaco que, sempre que houver referência ao termo “relações étnico-raciais no ambiente escolar”, estarei me reportando aos diversos tipos de relações existentes no espaço da escola: professor-aluno, aluno-aluno, professor, aluno e demais funcionários da instituição. Todas essas relações são importantes no processo de formação do sujeito e poderão marcar significativamente a vida das crianças.

Não posso esquecer de sempre mencionar que as crianças necessitam do processo de representatividade, ou seja, crianças negras precisam ter como referência pessoas negras de que gostem, achem bonitas e possam se espelhar nelas. Só assim se sentirão parte desse povo, do povo com ancestralidade africana, mas que faz parte da mistura do povo brasileiro, sendo, portanto, diverso por natureza. Para ter consciência disto, basta parar um pouco e perceber que todos nós, quando crianças, e ainda como adultos, temos alguém como referência, uma pessoa que admiramos e na qual nos espelhamos.

Essa afirmação me faz lembrar uma imagem que vi na circulando na internet há alguns dias, em que uma criança negra sorria de uma maneira contagiante posando para a foto ao lado de um cartaz de uma boneca negra,

personagem do filme “*Cada um na sua casa*”<sup>77</sup>, uma animação bastante interessante para apresentar às crianças e trabalhar os conceitos a que me refiro aqui.

A personagem principal do filme é uma menina negra que, devido à invasão alienígena em sua cidade, se perde de sua mãe e dedica todo o seu tempo a procurá-la. Antes mesmo que saia em busca de sua mãe, a menina encontra um dos alienígenas escondido em sua residência. A princípio, a reação é de repulsa e estranhamento. Posteriormente, após muito desentendimento, a garota e “Óh” (nome dado ao pequeno alienígena) tornam-se amigos e passam a compreender a diferença entre ambos e se ajudar. “Óh” ajuda a menina a encontrar a mãe e, mesmo após a solução do caso, decide deixar seu planeta para morar com a garota, formou-se, então, um vínculo de entendimento e consideração bastante importante. Segue a imagem comentada.

**Figura 01:** Representatividade é essencial!



Fonte: <http://www.geledes.org.br/>

---

<sup>77</sup>Filme lançado esse ano nos cinemas da cidade, que conta a história de amizade de uma menina com um ser de outro planeta, a personagem principal do filme é negra de cabelos cacheados e segue todo o enredo - juntamente com seu amigo - a procura de sua mãe, que foi transferida para outra cidade, após a invasão alienígena. O filme, de maneira divertida, trata das questões relacionadas a diferença e da aceitação do outro, a partir do momento que reporta a amizade dos dois, uma humana e um extraterrestre que a princípio se estranham bastante e no fim, criam um vínculo de amizade bastante significativo. Trailer disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-209174/trailer-19539093/>. Acesso em: março de 2016.

Ao observar a imagem, percebe-se a expressão de felicidade presente no olhar e no sorriso da criança ao encontrar uma personagem de um filme que se “parece com ela”, pois na maioria dos desenhos e filmes infantis os personagens principais são brancos. Além disso, durante a história, a personagem da trama, conhecida por “Tip”, demonstra ser uma garota bem ousada, impetuosa e persistente, que não desiste até encontrar sua mãe, características que também diferem dos contos clássicos, nos quais as princesas são tímidas, passivas e permanecem sempre à espera do príncipe que irá salvá-la. Portanto,

É através da mediação do professor, o aluno pôde compreender a semelhança de uma das características da personagem do livro com a sua característica e considerar aquilo bom, assim como entender que os colegas que possuem tipos de cabelos diferentes também são legais e importantes. E ao afirmar isso, saberemos que se o currículo da escola estiver adequado para a realidade e diversidade de cada aluno, uma aprendizagem voltada para a diversidade será possível (CRUZ, 2015, p. 13).

Como afirma Cruz (2015), com a mediação do professor as crianças podem perceber que existe algo positivo em ser negro e a presença de histórias e filmes infantis irá ajudá-las nesta percepção. Dessa forma, se o professor estiver preparado para lidar com a diversidade e perceber que, através de pequenas mudanças em sua prática ou da utilização de muitos materiais presentes na própria escola poderá realizar um trabalho significativo, muito poderá ser feito no processo de formação destas crianças.

A presença deste professor é de fundamental importância em processos de construção de conhecimento como esses, pois, como já foi dito, sua pessoa é a referência que os alunos possuem. Quem de nós não já se deparou com uma cena em que uma mãe (ou algum membro da família) tenta ensinar uma atividade a uma criança e ela afirma que: “mas não foi assim que minha professora ensinou” ou “está errado, minha tia disse que era assim”?

São pequenas situações como essas que me fazem refletir o quanto a figura do professor é importante na vida de uma criança e na construção dos seus conceitos de “certo e errado”. Ao reconhecer isto, comungo com as afirmações de Augusto (2015) quando retrata que:

[...] que os professores tenham formação e um olhar crítico e reflexivo para lidar com as questões de gênero, raça e sexualidade na escola, compreendendo as relações multiétnicas e plurais que acontecem no âmbito educacional, combatendo o racismo e a discriminação e contribuindo para a elaboração de novas práticas pedagógicas. A educação infantil e as relações raciais são de extrema importância para as crianças e para a sociedade, pois é possível cultivar práticas e conhecimentos que contemplem a diversidade e que permitem aos sujeitos compreenderem e se sentirem parte da sua comunidade, da sua cultura, combatendo práticas e ações preconceituosas e discriminatórias. Acreditamos que é possível um trabalho com a diversidade étnico-racial na educação infantil (AUGUSTO, 2015, p. 05).

Temas como esses são questões essenciais que podem ser inclusas no currículo<sup>8</sup> dentro de eixos que tratam de valores, conhecimento do eu e do outro, família e etc. Por isso, fazem parte de toda formação humana, pois se desde os primeiros anos as crianças aprenderem a importância de valorizar e respeitar a diferenças, elas terão maiores chances de tornarem-se adultos mais éticos e menos preconceituosos.

É importante destacar que os temas não devem ser inclusos no currículo escolar de qualquer maneira, com intuito somente de “cumprir o que está posto nas Leis 10.639/03 e 11.645/08”. É preciso a efetivação de um trabalho de qualidade e, para a realização deste, os materiais didáticos devem ser analisados antes de seu uso. Destaco isso por perceber a presença de personagens negros em muitas histórias infantis – a exemplo do Sítio do Picapau Amarelo – em que a personagem negra (apesar de ser uma contadora de história e resgatar a cultura oral africana), é uma cozinheira.

Também observo em novelas, seriados, minisséries, em que os personagens negros são empregados, cozinheiros e pessoas de classe baixa, e se, por ventura, aparecem como alguém de “alta sociedade”, são pessoas de caráter duvidoso em sua maioria. Seriam as pessoas negras incapazes de “crescer na vida” por seu próprio mérito? Não poderiam estar em posições

---

<sup>8</sup> O currículo da educação infantil municipal, está baseado em quatro eixos norteadores, são eles: identidade e família, meio ambiente e questões referentes a água, diversidade, direitos humanos e cultura de paz. Apesar de, anualmente, sofrerem alterações em seus títulos, os temas geradores são sempre os mesmos e as professoras se baseiam neles para a realização de seu trabalho e abordagem dos conteúdos. O eixo de diversidade, foi incluído recentemente, após uma pesquisa com as professoras sobre que temática gostariam de incluir em suas aulas, há cerca de 02 anos, afirmo isto pois, na época, estava como professora contratada em uma creche do Município de Campina Grande e presenciei esta mudança.

destacadas sem que fosse de maneira negativa? Observando essas cenas, nossas crianças desejariam “parecer” com o/a menino/a pobre, triste e sem condições ou com o/a menino/a que vive em boas condições e feliz? Por que será que as crianças, desde muito pequenas, já têm a ideia de que uma colega é suja simplesmente por ser negra? Será que ela não viu ou ouviu isso em algum lugar?

Expressões como “menino, vai tomar um banho que você está fedendo a negro” são comuns no cotidiano. Dessa maneira, a visão do negro como algo ruim, sujo e “sem futuro” é algo que, infelizmente, permanece presente nos dias atuais. São em observações como essas que penso “[...]se por um lado a publicação de histórias africanas revela uma suposta valorização daquela cultura, por outro, na história analisada, o saber do negro foi negado e atribuído a um personagem branco” (GOUVÊA, 2005, p. 85). Por isso acredito em um trabalho em que a cultura africana e afro-brasileira não sejam comentadas em salas de aula por obrigação, mas que façam parte do currículo escolar como algo importante para a formação dos alunos de toda a instituição.

Temos muito que comemorar após o fim da escravidão no Brasil, mas temos mais ainda a progredir para que as pessoas negras não continuem sendo escravizadas em seus ambientes de trabalho, discriminadas pela sua cor de pele ou silenciadas ao longo do tempo. Além disso, para que a presença do negro não seja vista como algo exótico ou somente algo que represente uma cultura ou religião, como se não fizesse parte do nosso dia a dia, como se a herança africana não fizesse parte de cada um de nós. Tendo em vista que, como afirma Gouvêa (2005), apesar de muitos avanços,

[...] o fim da escravidão não significou a ruptura com um modelo de submissão e subserviência, mas, ao mesmo tempo, a construção de um Brasil moderno significou a incorporação mitificada do negro como parte constitutiva da cultura nacional, representante de tradições e costumes que confeririam identidade ao país. O resgate de tais tradições não significava, na produção literária (GOUVÊA, 2005, p. 90).

É preciso romper com essa realidade afirmada pela autora e isso só acontecerá com a afirmação de práticas que façam e valorizem a diferença. Práticas de docentes comprometidos com a formação de seus alunos, formação crítica, conscientes da realidade em que vivem e mais cientes ainda

de que podem agir diante dela, podem fazer e serem diferentes daqueles que a impõe. Tomaz Tadeu da Silva (2000) defende que:

[...] A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e lingüística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas” (SILVA, 2000, p. 81).

Ou seja, vivemos em uma sociedade em que nosso comportamento tem um “padrão”, que as regras devem ser obedecidas. A boa moça é vista como aquela calma, meiga e passiva (totalmente diferente da personagem do filme que citamos no início deste tópico) e as crianças boas são aquelas que “não dão trabalho”. Mas quais são as crianças que não dão trabalho? Os alunos tímidos, quietos e que “mal falam”? Será que ainda vivemos em meio à cultura do silêncio na qual o bom cidadão é aquele que se cala diante das injustiças e dificuldades?

Diferente desta concepção, o bom cidadão deve ser aquele que age diante do injusto, que luta por dias melhores, busca seus direitos e cumpre seus deveres. Deve ser aquele que reconhece a presença da diversidade no povo brasileiro e sabe que esta diferença pode somar em nosso dia a dia. Que aprendemos e crescemos com o que é diverso e que a cultura, religião, raça ou etnia do outro não é menor ou menos significativa que a nossa.

Penso não ser mais necessário afirmar o quanto aposto na construção dessa sociedade, que ela seja igual apenas em direitos, e diferente na forma de pensar e de agir diante da realidade. Desejamos dias em que essa ideia não seja considerada utopia, mas algo real e que nossas escolas não sejam ambientes que desestimulam nossos alunos mas que reflitam algo positivo.

O ambiente escolar, por ser parte integral da sociedade, reflete o que nela há de mais significativo: atitudes de preconceito e racismo presente em ações cotidianas de professores e alunos e, conseqüentemente, acaba se tornando alvo dessa sociedade que “pede socorro”.

A presença de políticas públicas ainda não é o bastante, a existência de bastantes materiais didáticos e paradidáticos também não fará a diferença por si só. A prática docente somada a todos esses fatores, sim, será

significativamente essencial. Tendo consciência, como disse Rubem Alves (2001):

Nenhuma mudança se funda no nada, na negação da história ou da realidade ou das suas aparências, por mais efêmeras que se apresentem aos nossos olhos, quando eles vêem para fora. Todas as utopias se reportam ao que existe e tudo o que existe aspira ao que não existe. O que não existe precisa do que existe como se fosse a sua face mais oculta (p. 06).

Ao ler esta afirmação do autor, reporto-me à história vivida pelo povo negro, história de escravidão e negação. Relembro o tempo de silenciamento. Confirmando que, nos dias atuais, muito ainda precisa ser mudado, mas permaneço otimista, acreditando que estamos no caminho que poderá nos levar ao conhecimento o que é realmente essencial, em que as pessoas não se preocupem só com elas mesmas, mas pensem no bem e compreensão de todos. Se começarmos a fazer nossa parte com nossas crianças, estaremos contribuindo com a construção dessa sociedade diversa e plural no real sentido dessas palavras.

Pensando assim, relembro um poema de Eduardo de Oliveira<sup>9</sup> ao caracterizar cada um, ele afirma:

Eu quero ser no mundo uma atitude  
de afirmação que, unicamente cante,  
com poderosa voz, tonitroante,  
A Gesta Lírica da Negritude...

Serei na vida o intransigente amante  
de sua nobiliárquica virtude,  
e, como alguém que entoa ao alaúde  
uma canção, eu seguirei adiante...

Eu seguirei feliz, de braços dados  
com meus irmãos dos cinco continentes...  
que todos amam, porque são amados.

E que se ama a Humanidade inteira,  
os ideais – por mais nobres, mais ardentes –  
irmanam-se nunca única bandeira.

(Eduardo de Oliveira, 1967)

---

<sup>9</sup> Sendo ele advogado, jornalista, professor e membro da Associação Cultural do Negro, da Casa da Cultura e da União Brasileira de Escritores, se utiliza da poesia para expressar sua opinião referente à luta dos negros em nossa sociedade e às atitudes de afirmação.

Percebo que o poeta utiliza-se do sentimento amor (aqui visto como a fraternidade entre os povos) para mostrar que todos amam a partir do momento em que são amados. Com esse amor pela humanidade inteira, os ideais tornam-se apenas um e, juntos, seguem lutando pela mesma bandeira. Acredito nisto, ainda que veja muita discórdia e lutas diárias devido às diferenças culturais, religiosas e sexuais. Acredito que as pessoas ainda podem agir com amor.

Perceber que esse sentimento tem a capacidade de construir uma sociedade melhor para todos nós, pois, no momento em que respeitarmos o outro independente de sua semelhança ou diferença conosco, saberemos agir com amor e não com ódio ou intolerância.

Por isso, invisto na escola como ambiente de desconstrução deste preconceito. Ela é o local onde as crianças podem ser instruídas, desde os primeiros anos, a amar e respeitar seus colegas, independente de qualquer diferença. Onde cada um possa vivenciar situações que os ajude a perceber que a cultura do outro não é ruim por ser diferente da nossa. Que seus pensamentos, crenças e ações também são significativas e que é possível aprender muito mais se houver compreensão de ambas as partes.

Sei que a literatura infantil pode contribuir significativamente na realização deste trabalho no qual as crianças conhecerão histórias de pessoas negras e personagens negros. Além disso, perceberão que, assim como existem contos de fadas de personagens brancos, também existem os negros e ambos são importantes. Desse modo, poderão se identificar com os personagens de cada história e se autoafirmar, de maneira lúdica e participativa, para que, juntos, lutemos por “uma única bandeira”: a da igualdade de direitos e reconhecimento étnico-racial.

Acreditando nisto, apresentarei no próximo capítulo os resultados da pesquisa realizada em uma instituição de educação infantil onde as professoras utilizaram a literatura afro-brasileira em suas aulas e após a realização do projeto falaram um pouco sobre a experiência.

### 3 “AO MESTRE COM CARINHO”: PARA QUE SUAS PALAVRAS SEJAM OUVIDAS E SUAS AÇÕES PRATICADAS

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais (ALVES, 1994, p. 04).

Este capítulo dedica-se a refletir sobre a docência e as ações praticadas pelas professoras da educação infantil e a importância da valorização das palavras proferidas pelas docentes dentro e fora do ambiente escolar, uma vez que elas procuram fazer a diferença na vida das crianças e as ajudam a construir a base de seu conhecimento. É, a base, porque através do brincar as crianças desenvolvem coordenação motora, consciência de lateralidade; ao conviver com os colegas, aprendem a respeitar o direito do outro; ao escolher uma história para folhear, aprendem a agir com segurança e tomar decisões na vida. Tudo isso, que nos parece tão simples, é bastante significativo em toda a vida. São estas palavras e ações que serão destacadas aqui. Por isso, inicio com um pensamento de Rubem Alves (2001) referente à educação. O autor afirma que:

A educação é um caminho e um percurso. Um caminho que de fora nos impõe e o percurso que nele fazemos. Deviam ser por isso, indivisíveis e indissociáveis. Como os dois olhares com que nós abrimos ao mundo. Como as duas faces, a visível e a oculta, do que somos. Os caminhos existem para ser percorridos. E para ser reconhecidos interiormente por quem os percorre (ALVES, 2001, p. 07).

Tomando como referência as reflexões de Rubem Alves, concordo que os caminhos existem para serem percorridos e necessitam de que possamos “nos abrir” ao mundo, a essa experiência da descoberta. A citação de Rubem Alves também me faz recordar um trecho do depoimento da gestora da Creche Municipal José Joffily, onde realizei a pesquisa, quando ela afirma que “*tem professor que ainda não entendeu essa riqueza que a gente tem*” (Solange da Silva Galdino, 2015), se referindo à ausência de apropriação de alguns

professores diante da diversidade de alunos que possuem e das oportunidades que têm de abordar esta temática.

Como educadora e pesquisadora, concordo com a afirmação da Professora Solange, pois acredito que todos os professores deveriam ter consciência da diversidade de alunos que lidam em sala de aula, que esta diversidade poderá ser algo positivo a ser abordado no dia a dia e que trabalham a temática étnico-racial sem a necessidade de nenhuma lei que os “obrigasse a isso” – utilizo esse termo porque é uma realidade que encontro em muitas escolas, onde os professores discutem questões relacionadas à diversidade racial somente para cumprir o que está posto na Lei 10.639/03.

Assim, retomo a fala de Rubem Alves ao destacar que “[...] os caminhos existem para ser percorridos. E para ser reconhecidos interiormente por quem os percorre” (ALVES, 2001, p. 07). Acrescento que a mudança só ocorre quando esses caminhos são sentidos, explorados e reconhecidos, pois todos os caminhos que seguimos só têm sentido se observados e vividos com sensibilidade, assim é na vida e no ambiente escolar. O professor é um autor significativo no processo educativo e contribui com o direcionamento do olhar de seu aluno, por isso:

É preciso que os professores tenham formação e um olhar crítico e reflexivo para lidar com as questões de gênero, raça e sexualidade na escola, compreendendo as relações multiétnicas e plurais que acontecem no âmbito educacional, combatendo o racismo e a discriminação e contribuindo para a elaboração de novas práticas pedagógicas. A educação infantil e as relações raciais são de extrema importância para as crianças e para a sociedade, pois é possível cultivar práticas e conhecimentos que contemplem a diversidade e que permitem aos sujeitos compreenderem e se sentirem parte da sua comunidade, da sua cultura, combatendo práticas e ações preconceituosas e discriminatórias (AUGUSTO, 2015, p. 05).

Assim como afirma o autor, é importante que os docentes compreendam que as relações raciais estão presentes no ambiente escolar e no cotidiano das crianças, pois cada realidade, sendo diversa uma da outra, tem sua relevância na construção do conhecimento, assim como a participação dos alunos, independente da raça, cor, sexo, religião ou classe social é essencial neste percurso.

É necessário que a democracia seja de fato posta em prática nos ambientes escolares, onde todos têm direitos e deveres que deverão ser respeitados em todas as situações e que a diversidade presente na sala de aula seja vista como algo positivo, característica da nossa sociedade e,

[...] quanto mais a sociedade brasileira se organiza politicamente em busca da concretização da democracia, maiores são os desafios a ser superados por meio da implementação de políticas sociais e programas de iniciativa do Estado (GOMES, 2012, p. 22).

Assim como afirma a autora, quanto mais conscientização, maiores são os desafios que precisam ser superados em sociedade e conseqüentemente na escola como instituição social, as políticas públicas e os programas do Estado são as iniciativas no processo de mudança que devem acontecer em cada um desses ambientes.

Acredito então que o processo de democratização do ensino começa quando deixamos de considerar o professor como centro e nos preocupamos com as crianças e sua participação na construção do conhecimento, cada momento vivenciado é essencial para a construção de sua personalidade, formação de senso crítico e autonomia.

Para elas é importante que sejam priorizadas experiências que lhes permitam experimentar, explorar, ver, sentir, tocar, ouvir e falar o que pensam. Creio que a criança existe para vivenciar o que há de melhor neste mundo e aproveitar essa fase da vida e o tempo de ser criança. Pensando assim, recordo o que diz o poema de Loris Malaguzzi (1996), quando se refere às cem linguagens da criança:

A criança tem cem linguagens  
Cem mãos cem pensamentos  
Cem maneiras de pensar  
De brincar e de falar  
Cem sempre cem  
Maneiras de ouvir  
De surpreender de amar  
Cem alegrias para cantar e perceber  
Cem mundos para descobrir  
Cem mundos para inventar  
Cem mundos para sonhar.  
A criança tem  
Cem linguagens  
(e mais cem, cem, cem)  
Mas roubam-lhe noventa e nove

Separam-lhe a cabeça do corpo  
Dizem-lhe:  
Para pensar sem mãos, para ouvir sem falar  
Para compreender sem alegria  
Para amar e para se admirar só no Natal e na Páscoa.  
Dizem-lhe:  
Para descobrir o mundo que já existe.  
E de cem roubam-lhe noventa e nove.  
Dizem-lhe:  
Que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia  
A ciência e a imaginação  
O céu e a terra, a razão e o sonho  
São coisas que não estão bem juntas  
Ou seja, dizem-lhe que os cem não existem.  
E a criança por sua vez repete: os cem existem!

LorisMalaguzzi (1996)<sup>10</sup>

A partir dos pressupostos de Malaguzzi (1996), compreende-se que as crianças observam e exploram o mundo com a capacidade de imaginação, de criação, de aprender através do brincar, da observação e vivência e que muitas vezes esses momentos são retirados da escola, tirando delas o direito de exercer tamanha capacidade de pensar, imaginar, criar, viver e aprender.

Penso que um dos papéis da escola seja acrescentar algo na vida da criança. Esse poema escrito na década de 90 torna-se atualíssimo para fazermos leituras e questionamentos sobre a realidade escolar brasileira, a partir do que identificamos, partindo da realidade da educação infantil, no ambiente da creche, lócus desta análise. Por isso, neste capítulo, discutirei os resultados desta pesquisa, realizada na Creche Municipal José Jofilly e analisarei as práticas cotidianas das salas de aula da educação infantil e como as professoras abordaram a temática étnico-racial neste ambiente e como cada uma delas utilizou a literatura afro-brasileira na sua realidade escolar.

Partindo da proposta de realizar uma ação pedagógica que trabalhe com a literatura afro-brasileira no cotidiano da sala de aula, ao final da pesquisa, apresento a cartilha pedagógica como produto final do trabalho, como meio de oferecer à equipe da instituição, um material que sirva de apoio para a realização de aulas e projetos que abordem a temática étnico-racial na educação infantil.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://sonhoscompanhia.blogspot.com.br/2011/04/as-cem-linguagens-da-infancia.html>. Acesso em: março de 2016.

Acreditando que a diversidade étnico-racial pode ser trabalhada nesta fase, adequada à faixa etária de cada criança, de maneira lúdica, apresentando histórias que permitam que as crianças negras se sintam representadas e compreendam sua realidade através da literatura. Conheçam as histórias de cada personagem e, através destes livros, compreendam que ser diferente é normal, faz parte das características do ser humano, do ser brasileiro, e que isso é bom, a diferença de cada um completa o grupo e, de sua maneira, todos são especiais.

### **3.1 A literatura afro-brasileira e a educação infantil: refletindo a ação educativa através das vozes das professoras**

Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: “Por favor, me ajude a ser feliz...” (ALVES, 1994, p. 15)

“Por favor, me ajude a ser feliz”. Percebi este pedido tantas vezes nos olhares das crianças que encontrei nas creches desta cidade, não só em que realizei esta pesquisa, mas também nas instituições em que estagiei durante a graduação e trabalhei por dois anos. São crianças carentes, não só de educação e alimentação; são crianças que precisam de um olhar, de um carinho e um sorriso sincero, que precisam de alguém que olhe para elas e veja a capacidade que possuem e o quanto têm condições irem além. São pequenos que sentem alegria por receberem gestos de amor.

Por isso, penso no professor de educação infantil como aquela pessoa que, antes de qualquer coisa, oferece carinho e alegria às crianças que recebe na instituição, tendo consciência que muitas delas chegam receosas, sem saber o que encontrarão e pensando que serão abandonadas pelos pais a partir do momento em que eles a deixam ali e vão embora. Basta pensar no lugar de cada uma delas e considerar que ainda não têm o entendimento de que seus pais voltarão para pegá-los, a maioria se sente abandonada. Assim como qualquer pessoa se sentiria, caso estivesse perdida em um lugar

estranho, com pessoas que jamais viu; essa pessoa gostaria de, ao menos, ser recebida com carinho e afeto.

É nesse sentido que ao utilizar o recorte de um dos textos de Rubem Alves (1994), quando o autor pede aos professores que se recordem que são pastores da alegria, defendendo esta ideia: de que o professor de educação infantil pode ser, antes de tudo, alguém em quem as crianças confiam e se sentem felizes em contar, além de se sentirem seguras com a presença dele. O afeto e a alegria são as melhores maneiras de conquistar as crianças, sobretudo, no contexto de educação infantil, onde se pensa na infância como um

[...] conceito histórico e socialmente construído, tal conceito interfere na visão de criança que temos e que construímos. É preciso enxergar as crianças como sujeitos, não estabelecendo uma relação unilateral do adulto para a criança (AUGUSTO, 2015, p. 03).

Ou seja, como afirma o autor, “é preciso enxergar as crianças como sujeitos” e o espaço da sala de aula é um dos lugares em que o professor que pensa desta maneira, poderá agir da melhor forma possível. Quando o docente está a sós com seus alunos, ele tem a liberdade de contar histórias, dramatizá-las, criar uma expectativa e um suspense que só ele sabe realizar com as crianças. De transformar uma dessas histórias em um conto de fadas em que cada uma delas faz parte e são parte significativa desta história, da história real em que todos são significativos, todos podem aprender, todos têm direito de viver bem e felizes.

Sendo assim, não poderia contar com depoimentos melhores do que os das próprias docentes que concretizam o trabalho com suas crianças dia após dia na instituição escolar e que conhecem a realidade em que vivem. Por isso destacarei, aqui, o resultado das entrevistas realizadas com as professoras das quatro turmas (berçário I e II, maternal I e II) de educação infantil e suas respectivas opiniões relativas ao trabalho com literatura infantil que aborde a diversidade étnico-racial e a cultura afro-brasileira.

Sem a participação de cada uma delas este trabalho não ganharia corpo e não teria sentido. Foram suas vozes e ações que protagonizaram cada momento de observação e investigação. Afinal, se a intenção é contribuir com suas ações no ambiente escolar, não poderia fazer isso sem antes ouvir cada

uma e observar, vivenciar sua realidade. As vozes e ações das docentes são bastantes significativas para a formação das crianças, e somente um professor consciente destas questões é capaz de fazer a diferença na vida de seus alunos.

A consciência parte desde a concepção que se tem sobre o que é ser professor e qual a sua função na educação infantil. Pensando nisto, destaco a fala da Professora Mônica que afirma:

Ser professor é transmitir conhecimento, é contribuir para a evolução da aprendizagem do aluno. Ser professor na educação infantil é trabalhar com o concreto, com o conhecimento prévio da criança, é a cada dia ter uma surpresa diferente, é participar da evolução dela em vários aspectos, tanto de crescimento, quanto da aprendizagem, da vida pessoal mesmo. Às vezes eles chegam com um problema de casa e nós contribuimos conversando com a família, participamos da vida deles também (MÔNICA JEANE CRUZ DE OLIVEIRA, 2015).

Para ela, ser professor de educação infantil não é somente repassar os conteúdos para os alunos e fazer com que eles aprendam; é trabalhar com materiais concretos, partir do conhecimento prévio da criança e cada dia ser surpreendido com uma situação diferente, com a evolução dos alunos. Completando este pensamento, Paulo Freire afirma que:

[...] o processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da *ousadia* de quem se quer fazer *professora*, educadora, é a disposição pela briga justa, lúcida, em defesa de seus direitos como no sentido da criação das conceições para a alegria na escola (FREIRE, 2009, p. 09).

Afirmo que o pensamento do autor coincide com a da professora Mônica pois ao destacar que o processo de ensino envolve “paixão de conhecer” e que esse processo não é fácil me remeto ao momento em que a docente afirma que trabalhar com crianças é utilizar de diversas maneiras para promover o aprendizado de seus estudantes e para isso, é preciso conhecer cada um deles para agir diante de sua realidade.

Esta fala possui bastante relevância para mim, pois confirma tudo o que foi dito desde o início deste trabalho, referente ao papel e importância do professor de educação infantil para a formação das crianças.

A professora Mônica, além de demonstrar possuir esta consciência, vai além ao relatar que, muitas vezes, a ação do professor não se limita ao ambiente escolar, mas pode também contribuir com a formação familiar das crianças, com a resolução de problemas e com o bem-estar de cada uma delas. Ou seja, o docente da educação infantil não limita seu aluno ao espaço da sala de aula, mas, de alguma maneira, se interessa e busca contribuir com o seu desenvolvimento integral. Sendo assim, a Professora Solange destaca que:

Ser professora para mim é você possibilitar o desenvolvimento integral da criança, é desafiador. Pensar no que a criança tem capacidade de aprender, adequar a metodologia a idade da criança, de forma lúdica e continuada. Eu penso que se você faz uma atividade estanque hoje, a criança não vai entender, tem que ser processual (SOLANGE DA SILVA GALDINO, 2015).

A fala da professora Solange completa nossa reflexão ao afirmar que ser professora é “possibilitar o desenvolvimento integral da criança”, é algo desafiador que motiva a pensar e buscar a cada instante em maneiras de possibilitar a melhor aprendizagem dos alunos, adequar a metodologia, como foi citado. Também é algo de extrema importância, pois, se tudo for organizado e pensado de acordo com a faixa etária e capacidade de compreensão das crianças, resultará em uma aprendizagem significativa.

Em minha concepção, a aprendizagem significativa é aquela em que o professor percebe o desenvolvimento de seu aluno, que acompanha o processo do início até o fim e media cada situação de ensino. E durante este processo, a aprendizagem ocorre em ambos os lados, o professor aprende ao dedicar seu tempo para planejar a melhor forma de realizar sua aula e aprende também com seus alunos. Dessa maneira,

[...] não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (FREIRE, 2009, p. 19).

Comungo do pensamento de Freire (2009), pois o ensino e a aprendizagem caminham juntos, quem aprende tem algo a ensinar e quem ensina também pode aprender com seus estudantes, assim, a literatura infantil pode contribuir significativamente neste processo de construção do conhecimento das crianças, na abordagem das temáticas necessárias nesta faixa etária, tais como valores (respeito ao próximo e a diversidade), identidade, família e etc.

Neste caso, destaco a literatura infantil com conteúdo afro-brasileiro para o trabalho com o respeito e a diversidade étnica desde os primeiros anos de vida, considerando que a leitura pode ser inserida no ambiente escolar de maneira lúdica e prazerosa, assim como afirma a professora Solange:

As crianças se apaixonam. Quando você lê todos os dias, as crianças sentem falta. Quando as crianças pedem, você deve ler. Leitura por prazer. Gosto de usar a leitura também para introduzir temas mas principalmente por prazer (SOLANGE GALDINO DA SILVA, 2015).

A docente defende que, se os professores trabalharem a leitura com as crianças diariamente, criarão nelas o hábito da leitura, o interesse em ler e ouvir histórias. Por isso utiliza o termo “se apaixonam”, por afirmar que a cada contato com o livro infantil elas têm a oportunidade de ver e ouvir novas histórias e passam a gostar disto. No dia em que a professora não lê, os alunos sentem falta e pedem que leiam um livro para elas.

Às vezes, as crianças solicitam que seu professor leia um só livro em várias ocasiões e, o que parece “enfadonho” para os adultos, é prazeroso para elas. Ouvir a história que gosta por diversas vezes lhe transmite a mesma alegria que o hábito que tenho, por exemplo, enquanto adulta, de ouvir a minha música predileta em inúmeros momentos, Freire (2009) comenta sobre o ato de ler e estudar dizendo que:

[...] se estudar para nós não fosse quase sempre um *fardo*, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação (FREIRE, 2009, p. 25-26).

Assim como Freire (2009) afirma, creio que se a leitura e os estudos fossem para os alunos desde cedo algo prazeroso, os índices de reprovação e os diversos problemas de leitura e escrita não seriam os mesmos. A relação com a leitura e conseqüentemente o hábito da escrita tem deixado de ser algo de valor para os estudantes para ser uma obrigação a ser cumprida e quando se fala em obrigação, nem todos gostam de realizar.

Assim, se os livros infantis forem apresentados as crianças desde cedo e se as mesmas se sentirem motivadas a aprender a ler aquelas palavras que encontram ali, a relação com a leitura e a escrita serão diferentes. E a experiência com a literatura infantil pode contribuir com este processo de descoberta das crianças, tanto na relação com o livro como com a temática que ele aborda, as crianças podem aprender lendo e vivenciando cada história lida durante a aula. Referindo-se ao trabalho com a literatura afro-brasileira desde a educação infantil, a professora Mônica afirma que:

É importante porque a gente tem que trabalhar o preconceito desde pequeno, temos que criar cidadãos conscientes para que quando estiverem maiores saibam valorizar nossas origens, que a população brasileira vem do negro também. É importante que se trabalhe de forma lúdica. Este trabalho propicia a questão de valores, que a criança aprende na escola e vai repercutir na vida delas em casa, porque elas mesmas podem repreender uma situação racista que observarem (MÔNICA JEANE CRUZ DE OLIVEIRA, 2015).

Essa fala foi, para mim, um dos melhores resultados da pesquisa, pois ela resumiu todo o sentido deste trabalho e tudo o que defendo há anos: as crianças não nascem com o preconceito arraigado em si, mas sim aprendem isso em sociedade. Desta maneira, se for trabalhado e desconstruído esse preconceito desde cedo, as próprias crianças poderão observar as atitudes dos adultos, assim como cita a professora Mônica que “este trabalho propicia a questão de valores, que a criança aprende na escola e vai repercutir na vida delas em casa, porque elas mesmas podem repreender uma situação racista que observarem”.

Ou seja, as crianças em sua inocência, ao observarem alguns adultos agindo de uma maneira contrária ao que aprenderam como certo, não pensam duas vezes em fazer sua observação e afirmar que “mãe, minha tia disse que é feio fazer isso” ou “minha professora falou que não podemos agir assim”. É

esse o intuito deste trabalho, permitir que as crianças aprendam que o respeito é algo essencial para a convivência em sociedade, que a diferença é algo positivo e não ruim e, por fim, que devemos agir com respeito e solidariedade com todas as pessoas, independentes de quem sejam.

Esse processo de desconstrução do preconceito desde cedo é algo importante, pois, muitas vezes, as crianças vivenciam situações de racismo ou, por presenciar, aprendem a agir de forma racista e acabam reagindo desta maneira dentro do ambiente escolar. Esta afirmação não é algo aleatório que apenas imagino existir, mas sim situações que, como professora já presenciei em ambientes escolares onde uma criança branca chorava desesperadamente para não pegar na mão da colega negra, afirmando ser suja.

Essas e outras situações, infelizmente, são comuns nos ambientes escolares. Considerando isto, durante a entrevista com as professoras, questionei se já haviam presenciado ocasiões como estas em suas salas de aula ou dentro ambiente escolar. As respostas não me surpreenderam, o que fez a diferença foram as ações realizadas diante desta realidade. A professora Solange, relatou que:

Isso já me deu muita dor de cabeça. Não só com crianças negras mas com crianças pobres, de aparência descuidada, com cabelo assanhado. Aí trabalhei um projeto utilizando o livro *A menina do tambor*, trabalhei afetividade, colocando em prática a história (SOLANGE DA SILVA GALDINO, 2015).

Durante esta fala, a professora nos informou um pouco da história do livro citado e afirmou que a menina tocava o tambor para sentir o prazer da liberdade para viver e se sentir bem, longe de problemas e preconceitos. Ao trabalhar esta história com os alunos e focar na questão da afetividade, ela conseguiu desconstruir os pensamentos negativos que alunos tinham em relação a seus colegas e dar origem a algo muito mais relevante: o amor e respeito ao próximo, a compreensão de que todas as crianças são dignas de afeto, independentemente de sua classe social ou da maneira que se vestem.

Penso que são pequenas atitudes realizadas em sala de aula que podem fazer uma grande diferença na vida dos alunos, a exemplo de um aluno pobre, que por vezes é recriminado por seus colegas por não se vestir bem e, devido a um trabalho como esse, passa a ser visto de uma maneira diferente

pelos alunos. Isso sim é fazer a diferença na vida das crianças, uma vez que poderá ser lembrada com carinho até na fase adulta. Como destacou a professora Rita de Cássia, considero ações como estas muito boas “[...] vivemos em uma realidade racista e, se elas crescerem com essa base, teremos cidadãos mais conscientes” (RITA DE CÁSSIA NUNES CABRAL, 2015).

Na busca de formar estes cidadãos conscientes, existem docentes comprometidas com a educação e a formação integral das crianças e que agem de uma forma significativa nesta formação. Um exemplo é a professora Rita de Cássia que afirma considerar importante um trabalho com a diversidade étnica desde a educação infantil. Realizar projetos que se adequem à faixa etária e capacidade de compreensão das crianças, para que elas participem e aprendam tudo o que está sendo trabalhado é o intuito de tudo.

Para a realização destes projetos, nada melhor que o ambiente da creche, local onde as crianças passam a maior parte de seu tempo. Muitas delas, retornam para suas casas somente para dormir e, no outro dia pela manhã, vão novamente à instituição. Ou seja, é no ambiente da creche que crescem, aprendem, interagem, tornam-se autônomas e constroem a base de seus princípios e personalidade. Sendo assim, cada situação vivenciada neste ambiente é significativa para sua formação e cada contribuição das docentes com esta formação terá significado na vida destas crianças.

### **3.2 As diferentes cores do arco-íris são o que o torna mais belo: trabalhando a diversidade étnico-racial na educação infantil**

Início este tópico com um poema de Luiz Silva, mais conhecido como Cuti, sendo ele um dos mais destacados intelectuais negros, neste poema, ele declara seu orgulho em ser negro e permite a compreensão do quanto é importante esta autoafirmação:

Sou negro  
Negro sou sem mais ou reticências  
Negro e pronto!  
Negro pronto contra o preconceito branco  
O relacionamento manco  
Negro no ódio com o que retranco  
Negro no meu riso branco

Negro no meu pranto  
Negro e pronto!  
Beijo  
Pixaim  
Abas largas meu nariz  
Tudo isso sim  
- Negro e pronto! –  
Batuca em mim  
No meu rosto  
Belo novo contra o velho belo imposto  
E não me prego em ser preto  
Negro pronto  
Contra tudo o que costuma me pintar de sujo  
Ou o que tenta me pintar de branco  
Sim  
Negro dentro e fora  
Ritmo – sangue sem regra feita  
Grito – negro – força  
Contra grades contra forcas  
Negro pronto  
Negro e pronto

(Cuti, 1978).

No poema, o eu lírico se autoafirma como negro e se impõe contra tudo o que deseja pintá-lo de branco ou caracterizá-lo como sujo. Ao ler este poema, recordo-me das diversas situações que as crianças negras vivenciam, em que seus familiares afirmam que elas não são negras, são morenas claras, “café-com-leite” ou qualquer outro tipo de denominação que não inclua a palavra “negro”. Como se a própria palavra carregasse consigo um fardo muito pesado e que nenhuma pessoa merecia, por isso, as outras denominações para as pessoas “de pele escura”.

Ao dar continuidade a situações como estas, as pessoas esquecem que é importante para a criança saber que é negra sim e que isso não faz dela menor ou pior que as pessoas brancas, que ela deve ter orgulho e gostar de sua cor e que não pode ser caracterizada apenas pela cor de sua pele. Estes são os chamados estereótipos e preconceitos, quando temos uma visão (pré) concebida de algo ou alguém antes mesmo que tenhamos a oportunidade de conhecer.

Na busca de desconstruir esses tipos de situações dentro do espaço escolar, a Creche Municipal José Jofilly, localizada no bairro das Malvinas, realizou, durante o segundo semestre do ano anterior, um projeto que tinha como objetivo discutir a importância da cultura afro-brasileira e indígena e

proporcionar para as crianças situações em que pudessem vivenciar características desta cultura e compreender sua relevância em nosso meio.

O uso da literatura infantil com conteúdo afro-brasileiro foi um das abordagens realizadas durante a aula e se articulou bem em minha pesquisa durante a realização deste trabalho. Durante a realização deste projeto, presenciei as aulas e a apresentação – mais conhecida como culminância – e registrei tudo através de fotografia e anotações no diário de campo, a seguir todas estas ações que foram efetivadas com as turmas do berçário I, II, Maternal I e II, com crianças de 06 meses há 04 anos de idade. O resultado deste trabalho deixou claro que as crianças pequenas são capazes de aprender, sim, basta que o professor se interesse em adequar a metodologia a sua faixa etária e nível de compreensão.

Nas turmas do berçário, visto que as crianças eram menores, as aulas foram realizadas através de músicas e materiais concretos, permitindo que as crianças pudessem manusear o material utilizado, considerando que nesta faixa etária, elas necessitam desta experiência para exploração e compreensão do conteúdo trabalhado. Portanto, nada melhor que vivenciar as situações de aprendizagem através da brincadeira, de maneira lúdica, pois, é importante que a educação infantil

[...] não se centre apenas na dimensão cognitiva da criança, mas que contemple o brincar como uma atividade por excelência, eixo central de seu currículo, acreditando que, por meio da brincadeira as crianças comunicam-se melhor com o mundo, entrelaçando vivências e saberes (BRANDÃO et al, 2009, p. 40 – 41).

Considerando a brincadeira como eixo central das atividades cotidianas na educação infantil como afirma Brandão (2009), as professoras trabalharam com a música da Dona Aranha – bastante conhecida entre as crianças – e levaram até elas uma aranha preta, feita de meia, como retrata a imagem a seguir:

**Figura 02** – Trabalhando com a Dona Aranha



**Fonte:** Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

As professoras cantaram a música com as crianças, construíram a teia da Dona Aranha e, junto com os alunos, foram brincar. Esta atividade foi importante para que as crianças se familiarizassem com a figura da aranha e não sentissem medo, pois é comum que as crianças sintam medo de animais ou objetos de cor preta e até o lápis de cor preto seja evitado dentro da sala de aula. Situações como essas têm bastante relação com este trabalho, uma vez que é através destas pequenas desconstruções que se começa um trabalho relevante.

Além da música da dona aranha, nas turmas do berçário também foram trabalhadas histórias infantis, a exemplo do livro “Bééé (Marcelo Moreira)”, fornecido pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) para as instituições de educação infantil.

Este livro conta a história das ovelhinhas que possuíam cores diferentes: a maioria das ovelhas eram marrons e só uma era branca. A ovelhinha branquinha desejava possuir a mesma cor de suas colegas e conseguiu isso se sujando de lama. No entanto, após uma bela chuva, a lama caiu de seu corpo e ela voltou a ser branca.

Através desta história, foram trabalhadas as diferenças de cores dos animais e de cor de pele das pessoas e a importância que cada uma tem, sendo da sua maneira. De maneira lúdica e divertida, as crianças seguiram aprendendo e, após ouvir a história, realizaram atividades artísticas,

observando as imagens impressas do livro e colando algodão no corpinho das ovelhas. Tudo para elas é uma festa e a realização de uma atividade, se conduzida pelo professor de maneira diferenciada, deixa de ser algo monótono e por obrigação e passa a fazer parte da brincadeira e do jogo de faz de conta. Assim,

[...] na brincadeira, acontece a emancipação do pensar, do agir, que leva a noção de autoria do mundo. Segundo Loureiro (2002, p. 123), “[...] o brincar ganha sentido enquanto atividade que potencializa a dimensão humana, levando a criança a aprender a conviver socialmente, produzir e reproduzir cultura”. Na brincadeira, a criança “vira o mundo pelo avesso” e, com seu poder de imaginar, fantasiar, cria e constrói conhecimentos (BRANDÃO et al, 2009, p. 42).

Por meio da brincadeira, as crianças aprendem, criam e agem diante da realidade que vivenciam. Por isso, ouvir a história, conversar sobre ela, manusear o livro e realizar atividades que estejam relacionadas a essa história contribui para a compreensão e participação ativa das crianças, para que após todo esse processo, as professoras tenham um resultado a ser exposto.

**Figura 03** – Exploração das atividades relativas a história.



**Fonte:** Arquivo pessoal (Emanuela Oliveira).

É importante também destacar que todas as atividades realizadas pelas crianças são expostas na instituição em uma altura acessível a elas, para que possam observar e manusear o que foi feito, perceber que fizeram parte desta construção e poder rever sempre que desejarem. Esta oportunidade de rever tudo o que foi realizado é importante, pois, sempre que desejarem, as crianças podem observar, lembrar e recontar a história que aprenderam.

**Figura 04** – Exposição das atividades



**Fonte:** Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

Além desta história, também foram trabalhadas a *“Menina Bonita do Laço de Fita”* de Ana Machado, poemas relativos à diversidade, a música de influência africana, o som dos tambores e a bonequinha preta. A professora confeccionou uma boneca preta para que as crianças pudessem conviver com ela, se familiarizar com a cor da boneca e perceber isso como algo bom. Ao longo do projeto, as crianças fizeram amizade com a boneca e a levaram no colo em todos os momentos vivenciados na instituição, brincaram de roda, dormiram junto com a boneca, gostaram bastante da brincadeira.

O brincar em situações educacionais proporciona não só um meio real de aprendizagem, como permite que os professores aprendam sobre as crianças e suas necessidades. No contexto, escolar, isso significa dar aos educadores o ponto de partida para novas aprendizagens nos domínios cognitivos e afetivos (BRANDÃO et al, 2009, p. 43).

Como afirma Brandão (2009), o brincar no ambiente educacional torna-se significativo tanto para a criança quanto para o professor, que, mediante a brincadeira, poderá aprender mais sobre seus alunos, descobrir suas necessidades e identificar onde precisam progredir e ir além.

**Figura 05** – Brincadeira de roda com a bonequinha preta



Fonte: Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

Durante a brincadeira, as crianças participaram de uma forma relevante e interagiram com a boneca, desde o momento da roda até a hora do sono, em que, algumas delas, levaram a boneca até seu berço e pediam as professoras para poderem dormir com ela.

**Figura06** – Interagindo com a bonequinha preta



Fonte: Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

Mônica, uma das professoras da turma do berçário, relatou um pouco sobre a vivência do projeto pelas crianças e a relação delas com a bonequinha preta.

A repercussão do trabalho foi bem interessante, foi novidade para eles mas a aceitação deles foi positiva, porque como eu trabalhei a leitura da bonequinha, trabalhamos a partir do concreto, primeiro apresentamos o vídeo da cor da cultura sobre a bonequinha preta que eles ficaram super atentos, aí depois foi trabalhado o livro e depois foi confeccionada a bonequinha e contada a história com ela. E nenhuma criança teve medo da boneca, agarram a boneca, dava abraços e beijos, levavam a boneca para comer, dormir. Então ela participou de toda a rotina das crianças (MÔNICA JEANE CRUZ DE OLIVEIRA, 2015).

Percebe-se, através das imagens e do depoimento da professora, que as crianças se interessaram e participaram de maneira significativa das atividades propostas e que, a convivência com a bonequinha preta foi um sucesso, todos amaram e desejaram abraçar e levar a boneca para todos os ambientes da instituição. Nas turmas do maternal, o tema da diversidade também foi trabalhado de maneira lúdica e participativa – as crianças participaram das contações de histórias, da construção de objetos e cartazes sobre cada tema trabalhado. Uma das histórias contadas pelas professoras do maternal I foi *“Uma joaninha diferente”* de Regina Célia Melo.

Essa história retrata a vida de uma joaninha que não tinha as bolinhas pretas e por isso se sentia diferente das demais. A temática da diversidade étnico-racial foi trabalhada com os alunos e o relato da história também foi realizado. Pude perceber o envolvimento, interesse e participação das crianças em cada etapa do projeto e em cada nova história que ouviam e vivenciavam.

Após ser trabalhado o tema da diversidade étnico-racial através da história da joaninha, as crianças ouviram um pouco da cultura afro-brasileira e sua influência em nossos hábitos, conheceram a capoeira e tiveram a oportunidade de observar um grupo de capoeira que se dispôs a ir até a instituição se apresentar para os alunos. Durante a observação, os alunos se animaram de maneira que, depois deste dia, ficou definido que a apresentação final da turma seria dançar e praticar a capoeira.

**Figura 07** – Construindo uma joaninha diferente



**Fonte:** Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

Nesse momento, as crianças, com a mediação da professora, pintaram pedras de vermelho e posteriormente, desenharem os detalhes da joaninha diferente, e, do seu modo, construíram sua joaninha e participaram da atividade. Na imagem, é notável o interesse dos alunos com a realização deste trabalho e a produção da joaninha. A observação e a atenção para com as crianças é algo bastante necessário. Somente através destes pontos é que o professor poderá identificar o nível de aprendizagem de cada um de seus alunos e contribuir com os que apresentam dificuldades neste processo. Como afirma Melo (2009):

Prestar atenção à ação da criança e em suas atividades, nas atuais práticas pedagógicas, representa, por parte do professor, ou professora, não apenas à consideração a um sujeito ativo com potencialidades, direitos e linguagens que lhe são próprias, mas a consciência de que é pela observação atenta a essa criança, que sua ação docente pode ser melhor avaliada e adequada a situações que favoreçam a qualidade do processo de desenvolvimento desse pequeno sujeito (MELO, 2009, p. 130).

Nesse sentido, a observação atenta do professor é tão importante quanto sua prática em sala de aula para a participação ativa e o desenvolvimento das crianças dentro do ambiente escolar, considerando suas potencialidades e adequando-as a cada situação de ensino.

Além das vivências com a literatura infantil, a turma do maternal II trabalhou de maneira interdisciplinar o tema da diversidade. As professoras utilizaram o poema “*O pequeno príncipe preto*” de Marcelo Serralva, poema e através dele trabalharam todos os conteúdos da turma. O poema conta um pouco da história de um príncipe preto, que, vindo da África, percebe que aqui no Brasil também há várias pessoas negras e entre elas, procura uma mulher pretinha igual a ele para ser sua esposa.

As professoras trabalharam o poema com as crianças através da leitura. Logo após, os alunos produziram um cartaz com a releitura do poema, estudaram os tipos de casa pensando também no castelo do príncipe preto. Por fim, durante a apresentação do projeto, as crianças dramatizaram o poema, realizando uma linda e emocionante apresentação.

A apresentação das crianças resultou em satisfação e comoção de toda a equipe pedagógica que esteve envolvida neste processo de aprendizagem e o que mais importou foi a aprendizagem construída ao longo deste processo. A professora da turma me relatou que, os pais das crianças comentaram que muitas delas chegaram super animadas em casa, contando a todos que seriam príncipes e princesas.

É desse processo de representação que falo desde o início do trabalho, é esse orgulho de poder ser quem é – e ser reconhecido por ser assim – que acho bastante significativo na formação das crianças. Crianças negras, brancas, pardas, sejam elas de qualquer cor e tom de pele, que sejam amadas e valorizadas como são, que todas tenham direito de ser reis, rainhas, príncipes e princesas, a qualquer momento, em qualquer lugar.

A seguir, destaco as imagens do dia em que foi realizada a apresentação do projeto e exposição das atividades realizadas pelas crianças, um momento bastante significativo para todos da instituição e para mim, como pesquisadora da temática, que sempre acreditei na educação infantil como base da formação do sujeito e nas crianças como capazes de aprender, de construir conhecimento e de agir diante da realidade em que vivem. As crianças não são uma folha em branco em que os adultos apenas depositam a informação que desejam, são sujeitos de direitos e deveres, atuantes nessa sociedade. Sujeitos que sentem, pensam, falam, interpretam, aprendem e muitas vezes têm a capacidade de humanizar aqueles adultos que, por vezes,

perdem a noção de suas ações e do quanto seus gestos podem significar em suas vidas.

**Figura 08** – Turma do Maternal II: Apresentação do poema



**Fonte:** Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

A turma do maternal II representou muito bem o poema estudado durante todo o projeto e emocionou a todos que estavam presentes no momento. Era perceptível o semblante de orgulho de alegria de todos os alunos ao estarem ali sendo observados, fotografados e valorizados. Até os alunos da turminha do berçário I, que são os menores da instituição, participaram deste momento e representaram a música dos indiozinhos que estudaram durante as aulas.

**Figura 09** – Turma do Berçário I: Representando os indiozinhos



**Fonte:** Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

A turma do berçário II, como já havia trabalhado a musicalidade de origem africana, trouxe os tambores e as crianças representaram o Olodum, com música, alegria e muitas cores.

**Figura10** – Turma do Berçário II: Olodum



**Fonte:** Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

Foi bastante interessante observar a apresentação das crianças e perceber o envolvimento e a alegria de cada uma delas em poder participar. Afirmando isso porque, como professora de educação infantil e por ter trabalhado durante dois anos em uma creche municipal, presenciei diversas vezes situações em que as crianças deveriam se apresentar para os pais e o público e, no momento da apresentação, muitas delas não queriam ir. Apesar de a professora ter conversado, quando viam seus pais e um número maior de pessoas, ficaram tímidas e desistiam da apresentação. Situações como essas não vi acontecer neste momento, todos os alunos participaram da apresentação, dançaram, sorriram e demonstraram gostar de estar ali; isso foi o essencial.

Além das turmas citadas, a turma do maternal I, como mencionei anteriormente, apresentou a capoeira como forma de influência africana em

nossa cultura. Neste momento também vi as crianças dançando e se divertindo com a situação.

**Figura 11** – Turma do Maternal I: Representando a Capoeira



**Fonte:** Arquivo Pessoal (Emanuela Oliveira).

É possível perceber a participação e envolvimento das crianças em cada situação e apresentação realizada, em nenhuma delas havia o desinteresse ou falta de atenção dos alunos. Todas retrataram o caminho percorrido para chegar até o processo das atividades para a culminância delas.

Considero que essas ações fizeram uma grande diferença na realização deste trabalho e, mais ainda, na vida destas crianças que tiveram a oportunidade de conhecer sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, perceber que o povo brasileiro é diverso e que ser diferente é algo bom. Essa percepção permite a construção de uma identidade crítica, consciente de seu pertencimento étnico e orgulhosa de ser como é.

Este é apenas um começo de um longo percurso que se tem pela frente, pois, como afirmou a professora Solange, “quando se trabalha identidade, se trabalha a vida inteira para que a criança crie hábito. O hábito só é criado com a continuação das coisas” (2015).

### **3.3 Proposta de material didático pedagógico com o uso da literatura afro-brasileira em sala de aula: a cartilha pedagógica como produto**

A educação escolar, como espaço-tempo de formação humana, socialização e sistematização de conhecimentos, apresenta-se como uma área central para a realização de uma intervenção positiva na superação de preconceitos, estereótipos, discriminação e racismo (GOMES, 2012, p. 24).

Esta afirmação de Gomes (2015) torna-se importante por acreditar na importância da educação escolar no processo de desconstrução de preconceitos e estereótipos. É através desta ação educativa que haverá a conscientização dos alunos e, conseqüentemente, a mudança de posturas diante de situações racistas presentes em nossa sociedade.

Nesse sentido, penso ser significativa a realização de práticas voltadas para a educação étnico-racial, promovendo o conhecimento da cultura africana e afro-brasileira permitindo aos alunos o acesso a discussões como essas. Tais práticas são relevantes dentro de toda a educação básica e, principalmente, na educação infantil, pois é na infância que se forma a personalidade do sujeito e é nesse processo que se pode contribuir com esta formação.

Partindo disto, destaco que a efetivação de um trabalho de conscientização e reconhecimento da identidade étnico-racial desde a educação infantil é importante na formação de sujeitos críticos, conscientes e orgulhosos de seu pertencimento. Para a efetivação deste trabalho, considero que a utilização da literatura afro-brasileira é essencial, pois, através dela, as crianças compreendem de uma melhor forma o contexto em que se encontram e o conteúdo que lhes é apresentado.

Diante da pesquisa realizada, da observação das ações docentes e da constatação de que material poderia lhes oferecer um apoio na prática cotidiana, apresento a cartilha que produzi, levando em consideração tudo que foi observado e ouvido no ambiente escolar. Esta cartilha será deixada na instituição com o objetivo de contribuir com a prática das professoras e propor algumas atividades que poderão ser realizadas utilizando a literatura afro-brasileira nas turmas de educação infantil. Não pretendo oferecer uma espécie “de receita” que as docentes deverão seguir à risca, mas algo que servirá de respaldo para seu trabalho e poderá ser consultada sempre que necessário. É

uma forma de dar uma devolutiva por toda a pesquisa realizada e pela forma que fui recebida desde os primeiros dias de visita.

Em uma das conversas que tive com a professora Solange (atual gestora da instituição), fui informada que uma de suas pretensões é elaborar um projeto que trate da questão étnico-racial durante todo o ano letivo, abordando cada tema durante os eixos presentes no currículo da educação infantil. Ela afirmou que pretende elaborar o projeto com um tema geral – dentro da questão afro-brasileira – e se reunir com as docentes para que cada uma elabore os projetos específicos de cada turma dentro desse tema.

Ao explicar sobre proposta da cartilha como produto final, ela afirmou gostar da ideia e acreditar que esta cartilha poderá ajudar as professoras a planejarem melhor suas práticas dentro da temática étnico-racial. Destaquei que a ideia era articular tudo o que foi observado com as necessidades da instituição e me comprometi com a elaboração deste material.

As observações da prática docente e do uso da literatura afro-brasileira na sala de aula contribuíram com a percepção da necessidade de cada turma e das ideias que podem colaborar com a aprendizagem das crianças. Nesse sentido, apresento a cartilha de acordo com a realidade da instituição e faixa etária das crianças, desejando que esse material possa cooperar com a formação das crianças e a compreensão dos conteúdos trabalhados.

Inicialmente, a cartilha apresenta uma breve discussão das legislações que referenciam o trabalho com a cultura africana e afro-brasileira na educação básica, permitindo às professoras que conheçam o que está posto nestas legislações e compreendam a importância de implementação nas instituições escolares. Logo após, a cartilha destaca as temáticas em que as discussões raciais podem ser inseridas durante todo o ano letivo, a exemplo do trabalho com a identidade e a família, temas primordiais na educação infantil e, por fim, propõe literaturas infantis que abordem o reconhecimento identitário, a diversidade étnico-racial e as relações inter-raciais, destacando como essas literaturas podem ser utilizadas em sala de aula e quais atividades podem ser realizadas abordando esses temas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicio estas considerações com um sonho, esperando sinceramente que não seja utopia. Sonho com o dia em que as pessoas perceberão o significado umas das outras e que encontrarão sentido em ser diferente, pensar e agir diferente. Sonho com o dia em que descubram que essa diferença poderá somar e que juntos podem se completar e não discutir, rebater, brigar por um lugar. Desejo que, um dia, todos possam ver que cada um tem uma importância nesse mundo e que poderá deixar nele marcas positivas.

Espero que, um dia, todos deixem de lutar somente por seus desejos e direitos e passem a perceber os direitos e desejos coletivos. Aguardo uma situação em que cor, raça, etnia, religião, orientação sexual, comportamento, personalidade, não sejam motivos de divisão, de “chacota” ou incompreensão, mas sim uma forma de cada um ser o que é e ter direito de ser assim.

Gostaria de, mesmo que não seja tão recente, perceber que esse dia chegou e que as crianças vejam como exemplo esse respeito ao próximo, essa valorização do ser diferente. Que as histórias infantis não estejam resumidas em reis e rainhas brancas e que os negros sejam seus escravos, em que cada um tenha direito de ser rei, de ser rainha, de ser o que desejar.

Que as crianças tenham orgulho de suas características físicas, que ter cabelo cacheado, principalmente para as meninas, seja tão belo quanto ter cabelos lisos e que a criança de pele negra, olhos escuros e sorriso contagiante seja tão admirada e acarinhada quanto a criança loira de olhos claros.

Espero, sinceramente, que esse sonho um dia aconteça e ainda que não prevaleçam todas as características que aqui citei. Sei que, aos poucos, nem que seja uma de cada vez, elas irão surgir. Continuarei por aqui a sonhar, tendo consciência que algumas pessoas comungam deste mesmo sonho e o fazem acontecer em pequenos detalhes, agindo diferente, falando diferente, criando situações diferentes para as crianças.

Este meu sonho que partilho com quem leu todo o meu trabalho me faz lembrar uma música bem conhecida e antiga, que foi cantada por Sandy e Júnior. A letra retrata bem o que desejo para os nossos dias e, certamente,

penso que, se as crianças soubessem traduzir para o adulto o que sente, muitas delas diriam exatamente assim:

Sei que ainda sou criança  
Tenho muito que aprender  
Mas quero ser criança quando eu crescer  
Nosso mundo é um brinquedo  
Com pecinhas para unir  
Ele será todo seu, se você pensar assim

Vamos construir uma ponte em nós  
Vamos construir, pra ligar seu coração ao meu  
Com o amor que existe em nós!

E você que é gente grande  
Também pode aprender  
Que amar é importante pro meu mundo e para o seu  
Mas eu tenho a esperança  
De você ser meu amigo  
De voltar a ser criança, pra poder brincar comigo

(Vamos construir – Sandy & Júnior)

“Vamos construir uma ponte em nós, para ligar seu coração ao meu com o amor que existe em nós”. Penso que é exatamente isto que as crianças desejam dos adultos, que estejam ligados a elas com o coração, com o amor. Que possam compreendê-las e entender o que desejam e o que as fazem felizes; que permitam que sejam crianças, porque é assim que querem ser e é dessa maneira que desejam experimentar o mundo.

Acredito que, se todos pensassem e desejassem enxergar a criança como ela merece ser vista, nossos alunos seriam mais felizes porque perceberiam que o professor o valoriza da forma que ele é. Nossas ações não seriam diferentes para um aluno negro e um aluno branco. Saberíamos que todos são importantes como são, porque, na verdade, é assim que deve ser. Se o respeito ao outro existisse de fato em nossa sociedade, não haveria necessidade de tantas legislações tornando obrigatório o ensino das diversas culturas, pois isso já seria feito nas escolas sem obrigação e sem cobrança.

No entanto, apesar de, atualmente, me deparar com tantas situações que me desencantam, entristecem e fazem pensar qual o futuro da educação deste país, também encontro nas escolas práticas significativas que me ajudam a perceber que nem tudo está perdido, que existe chance para a educação e que existem profissionais comprometidos com ela. Que existem aqueles

professores que consideram seus alunos, fazem tudo para ver o crescimento deles e, por vezes, resolvem até problemas que não são de sua responsabilidade, para vê-los bem.

É em nome desses professores que ainda acredito na educação, no seu poder transformador e na sua capacidade de permitir que as crianças sejam mais felizes; de oferecer lugar a elas nesta sociedade, lugar que elas têm por direito. E são professoras com estas características que tive o prazer de encontrar na Creche José Jofilly, de perceber suas práticas e observar os resultados delas.

Pude ver o amor, a alegria e a dedicação no olhar de cada um. Vi o prazer das crianças em frequentar aquele local e percebi nas docentes, cada uma da sua maneira de ser, toda dedicação e empenho na realização do projeto e na formação destas crianças. Todas, sem exceção, até as que não foram citadas neste trabalho, realizaram um trabalho significativo e são dignas de reconhecimento e respeito.

É, respeito. Porque é isso que vejo que o professor também precisa, de ser respeitado pelo trabalho que realiza e a diferença que faz na vida das crianças. De ser valorizado em meio a essa sociedade que se preocupa muito mais com coisas pequenas e esquece que a educação é o futuro de nossa nação e que, sem ela, nosso país não vai para frente. Por isso, agradeço a toda equipe da instituição onde realizei esta pesquisa e afirmo que a concluí bastante feliz por ver os resultados e saber que tudo não foi feito por mim, mas pelas pessoas da casa, as docentes de cada turma.

Tenho certeza de que essas crianças, ainda que sejam bem pequenas, futuramente, lembrarão com carinho das professoras que tiveram e que lhe foram significativas. Digo isto porque, hoje, como adulta, posso recordar de minha época de criança e das professoras que fizeram a diferença em minha vida e é graças às professoras que foram e são parte desta vida que hoje concluo mais um trabalho, mais uma formação. Minha mãe, primeira professora que tive e tantas outras que passaram pelo meu caminho até chegar à graduação. Hoje no mestrado, como profissional, sei da importância que cada uma delas teve e continua tendo em minha formação.

No entanto, sei que a realidade de todas as creches municipais de Campina Grande não é exatamente igual a esta, citada neste trabalho. Muitas

têm dificuldade de trabalhar a temática étnico-racial em suas turmas, pois os docentes não possuem formação adequada para isso, e muitos alunos negros ainda se sentem discriminados dentro do ambiente escolar, percebendo isso através de ações cotidianas.

Tenho consciência que muito ainda precisa ser feito dentro das salas de aula de educação infantil, mas sei que, se houver profissionais comprometidos com a formação das crianças, projetos como esse e ações significativas poderão ser realizadas e serão importantes na vida desses sujeitos.

Pensando assim, considero que a realização deste trabalho foi relevante. Primeiramente, para a área da educação infantil e para as docentes que atuam nesta faixa etária. Por meio dele, as professoras poderão ter um material de apoio para a efetivação de projetos voltados para a questão étnico-racial na infância e perceberão que suas atitudes são muito importantes para a formação de seus alunos.

Penso também que a conclusão deste texto dissertativo pôde contribuir para os estudos do mestrado de formação de professores e mais especificamente da linha pesquisa: *“Ciências, Tecnologias e Formação Docente”*, considerando que, durante todo o texto, penso na formação docente e no quanto esta formação é importante na prática educativa. Após a realização deste, os futuros alunos que se interessem nesta abordagem terão como base um projeto que o tempo todo foi pensado e planejado com o intuito de destacar as ações docentes diante da realidade da educação.

Afinal, é preciso pensar na formação docente e nas atitudes de cada um dentro do ambiente escolar e, muitas vezes, os trabalhos acadêmicos mostram apenas as deficiências da escola e o que precisa melhor, esquecendo de destacar que também existem práticas relevantes. O pesquisador é aquele que percebe os dois lados, considera os avanços e contribui para a melhoria do que parece estar caminhando com dificuldade.

A educação infantil também precisa de pesquisas voltadas para o seu ambiente. Preocupada com seu progresso, percebo que os programas de formação de professores, congressos e cursos de que participei se preocupam mais com a educação básica, partindo do ensino fundamental até o superior e esquecem de considerar a educação infantil como a base desta formação.

Poderei chegar a ser docente do ensino superior (é um sonho que almejo), mas jamais deixarei de considerar o professor de educação infantil como sendo fundamental durante o processo educacional e que também necessita de mais reconhecimento e valorização.

O trabalho com a literatura afro-brasileira não é significativo apenas com os alunos maiores, que já se expressam bem oralmente e realizam apresentações de acordo com o que aprenderam. A literatura pode ser trabalhada desde os primeiros anos de vida, como mostrei aqui, e esta relação com o livro poderá ser muito mais satisfatória na vida adulta se este adulto tiver aprendido desde cedo a gostar de ler.

Diante disso, considero que a realização deste trabalho foi bastante significativa para a formação das crianças e que os resultados dele são fruto dos esforços e ações de cada professora da creche. Espero, sinceramente, ter contribuído com minha presença – contribuições realizadas ao longo da pesquisa – e, por fim, com a disponibilização da cartilha, que ela possa servir de apoio para a prática cotidiana.

Que, através desta cartilha, as professoras percebam que é possível realizar um trabalho significativo para as crianças e que todas são capazes de fazê-lo. Que a cultura africana e afro-brasileira não sejam pensadas como “coisa de negro”, como já ouvi tantas vezes, mas que todos percebam que ela é parte de cada um de nós, parte do que hoje somos e da forma que vivemos.

Que as pessoas negras e, principalmente as crianças negras, sejam vistas como capazes, como qualquer outra pessoa, e que não sejam limitadas à cor de sua pele. Que a cor de pele não seja alvo de discriminação e preconceito, mas um sinal de que somos diferentes porque, na verdade, não teria a mínima graça se fôssemos todos iguais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES. Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: São Paulo. Papyrus. 2001.

\_\_\_\_\_. Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

AUGUSTO. A. A. **Educação infantil e relações étnico-raciais: A Lei no papel, a Lei na escola**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

BRASIL. **Constituição da República do Brasil**. 36 edição Atualizada e Ampliada. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Saraiva de Legislação).

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/MEC. 2004.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Secretaria de Educação Básica/MEC/SEB, 2010.

\_\_\_\_\_. **Lei 10.639/03**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: Abril de 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei 11.645/08**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em Abril de 2015.

BRAZ, Júlio Emílio. **Na cor da pele**. Larousse do Brasil. 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

CUTI. Sou negro. In: Antologia de Poesia Afro-Brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

CRUZ, M. E. O. **Direitos humanos e educação infantil: Trabalhando valores étnicos e desconstruindo preconceitos étnicos**. Campina Grande – PB. Universidade Federal de Campina Grande. Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais. 2015.

CRUZ, M. E. O. **A cultura negra na sala de aula: Uma proposta pedagógica em ação**. Campina Grande – PB. Universidade Estadual da Paraíba. Trabalho de conclusão do curso de Graduação em Pedagogia. 2012.

CRUZ, M. N.; FONTANA, R. A. C. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Editora EGA. 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas para quem ousa ensinar**. 1. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. 1. Ed. Brasília: MEC; Unesco, 2012.

GOUVÊA, M. C. S. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da Criança**. 1996. Disponível em: <http://sonhoscompanhia.blogspot.com.br/2011/04/as-cem-linguagens-da-infancia.html>. Acesso em: Agosto de 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Bem do seu tamanho**. Editora Brasil – América. Rio de Janeiro. 1982.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Editora Ática. 2011.

MELO, G.M.L.S; BRANDÃO, S.M.B.A; MOTA, M.S. **Ser Criança: Repensando o lugar da criança na Educação Infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009.

MORTATTI, M. R. L. **Na história do ensino da literaturano Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI**. *Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 52, p. 23-43, abr./jun. 2014. Editora UFPR.*

NASCIMENTO, Claudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **A construção social do conceito de infância: Uma tentativa de reconstrução historiográfica.** LINHAS, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04 ã 18, jan. / jun. 2008.

OLIVEIRA, L. F.; LIMA, F. F. **O novo PNE e a Educação para as Relações Étnico-Raciais: Urgências para o currículo de formação inicial docente.** 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

OLIVEIRA, Eduardo. Gestas líricas da negritude. In: Antologia de Poesia Afro-Brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** 7. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1980.

SANTOS, Sandro Vinícius Sales dos. **Sociologia da infância: aproximações entre Willian Corsaro e Florestan Fernandes.** Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 5, n. 1, p. 117-139, jan./jun. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

THEODORO, Mário; JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael; SORARES, Sergei. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 nos após a abolição.** Brasília, Ipea, 2008.

TREVISAN, Gabriela de Pina. **Quando for grande quero ser... criança. Considerações sobre as interações entre Pares na Infância.** LIBEC – Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Ninho. 2007.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Via Atlântica, n. 14, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view>